LIBRARY OF PRINCETON
JUN 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian9511inst

Revista GREGORIANA

ANO IX
Maio - Junho
1962

51

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 20 1963
THEOLOGICAL SEMINARY

Sermão de S. Leão Magno sôbre Pentecostes 3

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O. S. B.

O Salmo "Miserere" à luz de Páscoa 8

D. CIRILO FOLCH GOMES O. S. B

Os Templos Vivos da Trindade 15

*

* *

Inquérito sôbre Liturgia 26

Vida do Instituto 33

Crônicas Radiofônicas (D.J.E.E.)

Portinari ao encontro da luz. Como encarar o Comunismo. O Evangelho da Transfiguração. Santa Sé e Cuba. Anunciação. Laetare. Domingo da Paixão .. 35

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)

(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes)

Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade. Método Ward.

ÓRGÃO DO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B.

Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL. 26-1822

* — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc...) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO: Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, Rio de Joneiro.

* — ASSINATURA ANUAL, (Janeiro a Janeiro) — Tiragem bimestral — Para o Brasil: Cr$ 200,00 — Para o Estrangeiro Cr$ 300,00 — Número avulso: Cr$ 30,00 — Via aérea Cr$ 380,00 para o Brasil — Mudança de endereço — Cr$ 10,00.

* — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

* — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (É grande favor endereçar para a AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO). O cheque bancário pagável no Rio.

* — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular — Cr$ 400,00 por ano;
Sócio Protetor — Cr$ 500,00 por ano;
Sócio Fundador — Cr$ 1.000,00 por ano;
Sócio Benfeitor — Cr$ 2.000,00 por ano... ou mais

* — Assim também a Revista "PERGUNTE E RESPONDEREMOS". Assinatura: Cr$ 300,00. Via aérea Cr$ 500,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 400,00 — Número avulso: Cr$ 30,00 (atrazado: Cr$ 35,00) — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

"O ESPÍRITO DE VERDADE QUE O MUNDO NÃO PODE RECEBER PORQUE NÃO O VÊ NEM O CONHECE, VÓS O CONHECEIS, POIS ÊLE PERMANECERÁ CONVOSCO E ESTARÁ EM VÓS."

(Jo. 14,17)

"SE ALGUÉM ME AMA E GUARDA A MINHA PALAVRA, MEU PAI O AMARÁ, E NÓS VIREMOS A ÊLE, E NELE FAREMOS NOSSA MORADA."

(Jo. 14,23)

"A CARIDADE DE DEUS FOI DERRAMADA EM NOSSOS CORAÇÕES PELO ESPÍRITO SANTO QUE NOS FOI DADO."

(Rom. 5,5)

Sermão de S. Leão Magno sôbre Pentecostes

(N.º 1)

1. Pentecostes, promulgação da Lei do Espírito, foi prefigurado na promulgação da Lei do Sinai.

2. Inaugura-se a pregação da Igreja sob o signo do entendimento de tôdas as línguas.

3. Embora admiráveis, os sinais do envio visível do Espírito Santo não O revelaram em Sua divina essência, que é a invisível e comum essência do Pai e do Filho. Longe de nós o êrro dos Macedonianos, que diminui a dignidade do Espírito Santo.

4. Na festa de Pentecostes exultemos em nossa adoração d'Aquele que santifica a Igreja em geral e cada alma em particular. A prática dos jejuns que em breve se anunciam é fruto da inspiração do Espírito Santo.

1. Todos os corações católicos sabem, caríssimos, que a solenidade de hoje deve ser celebrada como uma das festas mais importantes. Ninguém ignora e ninguém contesta com quanta reverência se deva festejar êste dia, consagrado pelo Espírito Santo com o milagre sôbre-excelente de Seu dom.

Sendo, na verdade, o décimo dia depois daquele em que o Senhor subiu acima das alturas celestiais para se assentar à direita de Deus, refulge como o dia quinquagésimo após a Sua Ressurreição, e traz em si grandes mistérios, referentes aos antigos e novos Sacramentos, na mais clara manifestação de que a Graça foi pronunciada pela Lei e a Lei cumprida pela Graça.

Sim, pois do mesmo modo como outrora, no Monte Sinai, a Lei fôra dada ao Povo hebreu, libertado dos egípcios, no dia quinquagésimo após a imolação do cordeiro, assim também, após a Paixão de Cristo, imolação do verdadeiro Cordeiro de Deus, é no quinquagésimo dia subseqüente à Sua Ressurreição que vem infundido o Espírito Santo nos Apóstolos e na multidão dos fiéis; para que o cristão diligente fàcilmente se aperceba de como os inícios do Antigo Testamento serviram aos primórdios do Evangelho, e como a segunda Aliança foi criada pelo mesmo Espírito que instituiu a primeira.

2. Com efeito, diz o seguinte a narrativa dos Apóstolos: "Como se completassem os dias de Pentecostes e estivessem todos os discípulos juntos no mesmo lugar, repentinamente se fêz ouvir do céu um ruído como o de um vento que soprava impetuosamente, e que encheu tôda a casa onde estavam. Apareceram-lhes então como línguas de fogo, que se colocaram sôbre cada um dêles; e todos ficaram cheios do Espírito Santo, começando a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia falarem" (At 2,1-4).

O'! Como é veloz a palavra da Sabedoria, e onde Deus mesmo é o Mestre, quão ràpidamente se aprende o que é ensinado! Não houve necessidade de interpretação para o entendimento, não houve exercitação para o uso, não houve prazo para o estudo, mas assim que o Espírito da verdade soprou onde quís as línguas particulares dos diversos povos se tornaram comuns na bôca da Igreja.

A partir dêsse dia ressoou a trombeta da pregação evangélica; a partir dêsse dia as chuvas de graças, os rios das bênçãos irrigaram todos os desertos e a terra inteira, porque para que a face desta fôsse renovada "o Espírito de Deus pairava sôbre as águas" (Gen 1,2). E para que fôssem expulsas as trevas de antes coruscavam os relâmpagos da nova Luz no esplendor das línguas flamejantes, afim de ser concebida a luminosa e ígnea palavra do Senhor, dotada da eficácia de iluminar e da fôrça de abrasar necessárias à criação do entendimento e à destruição do pecado.

3. Porém, caríssimos, embora tenha sido admirável a própria aparência dêsses acontecimentos e não haja dúvida de que a majestade do Espírito Santo tenha estado presente à harmonia exultante das vozes humanas, ninguém pense que apareceu a Sua substância divina naquilo

que se mostrou aos olhos corporais. A natureza invisível e comum ao Pai e ao Filho manifestou a qualidade de seu dom e de sua obra por meio do sinal de santificação que bem lhe aprouve mas conteve em sua divindade a propriedade de sua essência, porque assim como a visão humana não pode atingir ao Pai ou ao Filho também não o pode ao Espírito Santo. Na Trindade, com efeito, nada é dissemelhante, nada é desigual e tôdas as coisas que se possam conceber a respeito dessa Substância não se distinguem nem pela excelência nem pela glória nem pela eternidade. É verdade que, conforme as propriedades das Pessoas, um é o Pai, outro o Filho e outro o Espírito Santo, mas não há aí divindade diferente nem natureza distinta. Assim como o Filho Unigênito procede do Pai, igualmente o Espírito Santo é o Espírito do Pai e do Filho. Não como as criaturas, que são também do Pai e do Filho, mas como Alguém que, com ambos, vive e é poderoso e eternamente subsiste, desde que existem o Pai e o Filho. Por essa razão o Senhor, quando prometeu a vinda do Espírito Santo aos discípulos, antes do dia de sua Paixão, disse: "Ainda muitas coisas vos tenho a dizer. Quando, porém, vier o Espírito da verdade, Êle vos conduzirá para tôda a verdade. Pois não falará de Si mesmo, mas falará o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que deverão suceder. Tudo o que o Pai tem é meu; por isto disse que receberá do que é meu e vos anunciará" (Jo 16,12-13.15). O Pai, portanto, não tem algo que não o tenham o Filho ou o Espírito Santo, mas tudo o que tem o Pai, tem-no o Filho e tem-no o Espírito Santo. Nunca faltou na Trindade essa perfeita comunhão; nela são uma mesma coisa "tudo possuir" e "sempre existir". Não imaginemos sucessão de tempo na Trindade, não imaginemos gradações ou diferenças. Se de um lado ninguém pode explicar o que Deus é, de outro ninguém ouse afirmar o que Deus não é. Seria mais excusável não discorrer sôbre o que seja próprio à natureza inefável de Deus do que afirmar o que não lhe convém. O que quer, pois, que possam conceber os corações piedosos a respeito da glória eterna e imutável do Pai, entendam-no ao mesmo tempo a respeito do Filho e do Espírito Santo, de um modo inseparável e sem diferença. Nossa confissão é ser um único Deus essa Trindade, já que nas Três Pessoas não existe diversidade alguma — nem de substância nem de poder nem de vontade nem de operação.

Assim, se detestamos os Arianos, que pretendem existir diferença entre o Pai e o Filho, detestamos igualmente os

Macedonianos, os quais, embora atribuindo igualdade entre o Pai e o Filho, pensam, contudo, que o Espírito Santo seja de uma natureza inferior. Êles não consideram que estão incidindo naquela blasfêmia indigna de ser perdoada tanto no século presente como no futuro, consoante a palavra do Senhor: "A todo o que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado; ao que disser, porém, contra o Espírito Santo não será perdoado nem nêste século nem no vindouro" (Mt 12,32).

Quem permanece, portanto, nessa impiedade fica sem perdão. É que expulsou de si mesmo Aquele por meio do qual seria capaz de confessar a verdadeira fé. Jamais chegará ao remédio da indulgência quem não tiver o Advogado para protegê-lo. Pois é do Espírito Santo que procede em nós a invocação do Pai; d'Êle são as lágrimas dos penitentes; d'Êle os gemidos dos que suplicam, "e ninguém pode dizer Senhor Jesus senão no Espírito Santo" (1 Cor 12,3).

O Apóstolo prega de maneira evidentíssima a onipotência do Espírito igual à do Pai e do Filho, bem como Sua divindade, quando diz: "Há divisões de graças mas um mesmo é o Espírito; e há diversidade de ministérios mas um mesmo é o Senhor; e há diversidade de operações mas um mesmo é o Deus que opera tudo em todos" (1 Cor 12,4-6).

4. Por êstes e outros documentos, através dos quais, de inumeráveis modos brilha a autoridade das palavras divinas, sejamos incitados, caríssimos, unanimemente, à veneração de Pentecostes, exultando em honra do Santo Espírito, por quem tôda a Igreja Católica é santificada e tôda alma racional é penetrada. Êle é o Inspirador da fé, o Mestre da ciência, a Fonte do amor, o Sêlo da castidade, o Artífice de tôda virtude.

Regozijem-se as mentes dos fiéis com o fato de, no mundo inteiro, ser louvado pela confissão das diferentes línguas o Deus uno, Pai e Filho e Espírito Santo; com o fato de prosseguir em seu trabalho e em seu dom aquela santificação que apareceu na chama do fogo. O mesmo Espírito da verdade faz refulgir com o brilho de sua luz a morada de sua glória. Nada quer que haja de tenebroso ou de môrno em seu templo.

Foi também por auxílio e instrução dêsse Espírito que recebemos a purificação do jejum e da esmola. Com efeito, segue-se ao venerável dia de hoje um costume de observância a mais salutar, que os Santos julgaram ser da máxima

utilidade e que nós vos exortamos, com pastoral solicitude, a que o celebreis com o maior zêlo possível. Afim de que se uma incauta negligência vos fêz contrair nos dias passados alguma coisa de pecaminoso seja isso penitenciado pela censura do jejum e corrigido pelo devotamento da misericórdia. Jejuemos, pois, na quarta e na sexta feira, para celebrarmos juntos, no sábado, as vigílias, com a habitual devoção. Por Cristo Nosso Senhor, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Assim seja.

Tradução de *D. C. G.*

O SALMO MISERER

Uma visão cristã da penitência, ao lado da consideração do pecado e de sua conseqüência, a morte, jamais poderá prescindir do sentido vitorioso de Páscoa, Cristo vencendo a morte, e do sentido vivificador do Espírito que, enviado pelo Cristo, derramado sôbre o mundo, ergue o coração humano para o contato vital com Deus, para a vida sobrenatural.

O Salmo "Miserere", como já vimos, fala da confissão do grande pecado, da penitência, fala da própria mancha original que está gravada na natureza humana depois da queda dos primeiros pais e que o sangue do Cristo vem lavar. Fala-nos neste pecado de natureza quando diz no versículo 7 que já consideramos: *"Eis que fui gerado na iniqüidade e com o pecado minha mãe me concebeu!"*

Essa afirmação de humildade que chega a ser violenta e chocante em sua dureza só pode ser proferida por escritor verdadeiramente inspirado para revelar a Verdade de Deus, e, por outro lado, só poderá ser bem compreendida por quem já tenha, no vigor e na segurança do testemunho do Cristo, acreditado na Revelação.

O Salmista logo em seguida, porém, conforta a miséria humana, mostrando como Deus sabe amar êsse ser marcado pelo pecado, pela soberba, pela insubmissão. Canta o verso seguinte :

À LUZ DE PÁSCOA

"8. *Amais, contudo, encontrar a verdade em nossas entranhas e é no mais recôndito da minha alma que ensinais a Sabedoria.*"

Eis como o escritor inspirado em meio a êsse canto de humildade e de reconhecimento aberto da miséria do homem pecador, sabe encontrar os traços fundamentais da dignidade humana. Êsses traços podem ser considerados em dois planos harmônicos essencialmente diversos: plano ou ordem natural e o plano ou ordem sobrenatural.

No plano puramente natural sabemos como Deus deu ao homem a inteligência e a capacidade de conhecer as verdades fundamentais da existência de um Deus e dos seus atributos. É assim também que o homem chega aos primeiros passos de uma vida moral, à medida que descobre no íntimo de seu coração os princípios de uma lei que bem se coaduna com a natureza das coisas: a lei natural.

Se esta lei entretanto existe no íntimo do sentir humano é porque aí foi colocada por Deus, enquanto — num plano puramente natural — deu ao homem o seu Criador Onipotente a capacidade de perceber e conhecer o que a natureza das coisas por si mesmo exige para que elas sejam realmente o que devem ser em meio às outras coisas que existem. Diz-se que um dos caracteres da Moral de hoje é a de preferir a retidão subjectiva da "intenção" à obediência pura e simples do mandamento objetivo. "Infelizmente — comenta Haring não é suficitemente lembrado que a retidão subjectiva consiste precisamente na procura generosa do que é justo em si", isto é do que Deus inseriu em cada coisa como exigência própria de sua natureza, dando ao mesmo tempo, ao homem a capacidade de compreender essa mensagem íntima dos seres.

Por isso se diz que Deus nos ensina a Sabedoria no mais íntimo de nossa alma e se compraz de encontrar aí a Verdade que descobrimos com nossas próprias fôrças, supondo-se o bom usa das faculdades que Deus nos deu.

É assim também que o Apóstolo S. Paulo vitupera fortemente os pagãos que não querem conhecer as verdades que Deus lhes revela através das criaturas. Os mistérios invisíveis de Deus, desde a criação do mundo, através das coisas criadas, são compreendidos como se

fôssem vistos; da mesma forma a divindade e seu poder eterno, razão porque são indesculpáveis os que assim conheceram a Deus mas não o honraram nem lhe renderam graças como Deus, ao contrário, dissiparam-se em seus próprios pensamentos e obscureceu-se-lhes o coração insensato. Dizendo-se sábios tornaram-se estultos. (Cf. Rom. 1,20 — 22)

Mais adiante, no capítulo 2.º, o Apóstolo raciocina, aplicando o mesmo princípio ao plano estritamente limitado do comportamento moral e de obediência à lei. Os que receberam a Lei escrita, referindo-se a Israel, o povo eleito, serão julgados e terão de dar contas a Deus segundo a lei. Enquanto os pagãos, que não receberam a Lei, como que guiados pela própria natureza, cumprem aquilo que está escrito na Lei; não tendo a Lei, êles são sua própria lei e manifestam a existência de um princípio legal que lhes está escrito nos seus próprios corações. É disso que dá testemunho sua própria consciência ora acusando-os, ora excusando-os. Isso se tornará público quando, segundo o Evangelho que anuncio, Deus, na pessoa de Jesus Cristo, julgar as ações secretas dos homens. (Cf. Rom. 2, 14-16). Há portanto uma verdade fundamental gravada no coração de cada homem, seja êle judeu, grego, hindú ou indígena. Essa verdade pode encontrar-se em estado mais elaborado, mais desenvolvido e mais perfeito, conforme o grau de civilização — no sentido autenticamente humano — em que a pessoa vive, conforme o grau de auxílios e estimulantes exteriores que recebeu para desenvolvê-la — como no caso dos judeus, a lei escrita dada por Deus através de Moisés, no caso dos gregos, os princípios de sabedoria conquistados pelo gênio de seus filósofos, ou no caso dos romanos, a prudência prática de seu senso jurídico — ou ainda conforme o grau de perfeição humana adquirida por determinado indivíduo, cercado às vêzes de um ambiente medíocre, inferior, ou mesmo péssimo de senso moral, flôr exótica e rara que pode nascer, vez por outra, no pântano, no lodaçal.

Em qualquer dêsses casos, Deus se rejubila quando vê aflorar a verdade, algo de profundamente seu, no íntimo da alma da criatura de suas mãos. Por isso diz o Salmista para Deus nêste v. 8: "Amais encontrar a Verdade em nossas entranhas".

Diz mais: "é no mais recôndito de minha alma que ensinais a Sabedoria." Não sem razão se poderia aplicar esta segunda parte do verso, mais especialmente ao modo sobrenatural de intervenção de Deus na alma humana. Deus, através de Jesus Cristo, quer chamar todos os homens a uma verdadeira participação em sua natureza divina. Quer tê-los não apenas como criaturas racionais capazes de conhecê-lo e amá-lo à distância, na obscuridade de quem conhece através de um reflexo, de um espêlho não imune de trevas, mas como

amigos, como filhos que conhecem o amigo e o Pai, como são conhecidos. Ora, isso é impossível, em virtude da deficiência das possibilidades naturais humanas, sem um auxílio totalmente gratuíto, sem uma elevação sem um sôpro de Amor, sem uma Graça vinda totalmente de Deus para vivificar o coração humano, na exuberância de uma nova criatura.

Eis a graça que purifica, que lava, que justifica, isto é torna justo o ser humano pecador, que traz consigo a presença da Sabedoria, a presença das três pessoas divinas na alma do justo. Um raio de sol que penetra neste quarto fechado, ilumina-lhe as paredes — eis a graça — e ao mesmo tempo traz a presença do próprio Sol: eis a habitação da Trindade. A Graça divina infundida na alma humana, flui como óleo salutar, como seiva vivificadora por entre os meandros e recantos das potências e faculdades da alma humana e sua própria presença faz com que essas potências naturais recebam uma elevação e adquiram novas faculdades de agir. Eis a fé sobrenatural, elevando as capacidades da inteligência humana; a esperança e a caridade elevando a Vontade. Assim tôdas as outras virtudes, além das pròpriamente teologais, são imediatamente infundidas por Deus em quem quer que receba frutuosamente o batismo ou a absolvição sacramental, dando nova possibilidade de vida sobrenatural, uma nova existência àquele que, pelos méritos da Redenção do Cristo, Deus quis conquistar como a um nôvo amigo, a um nôvo filho. É com razão que diz o verso do Salmo: "no mais recôndito de minha alma ensinais a Sabedoria". Deus ama que a verdade, que a justiça e a inocência reinem até no mais íntimo de nosso ser, "razão porque" — há êsse sentido de coordenação entre as duas partes dêste verso — Êle aí deposita o ensinamento de Sua Sabedoria divina, a ciência do Reino dos céus que nos é comunicada pela Graça e pelo Espírito Santo que assim se compraz em habitar entre os filhos dos homens.

É o mistério purificador dessa Graça, seu mistério de renascer das águas iluminadas de Páscoa que vem referido no verso seguinte: "Asperges me Domine hyssopo e mundabor"

9. Purificai-me com o hissope e ficarei sem mancha,
Lavai-me para que fique mais branco que a neve.

O pecado não é apenas uma infração a leis que deveriam, por especial conveniência, ser obedecidas; é uma desobediência, uma negação diante da Sabedoria Divina que expressamente se manifestou num mandamento, numa palavra, palavra de Deus, dirigida aos homens, e ainda inserida na própria natureza das coisas, como o poderemos constatar se aplicarmos nossa razão desapaixonada e livre a perscrutar os profundos desígnios e planos divinos expressos pelos

seres que nos cercam. Enquanto é desobediência, o pecado nos indispõe com Aquele a quem devemos até a própria possibilidade de pecar, que nos foi dada, é certo, em vista da possibilidade de nobre e livremente escolhermos o Bem, em vista da possibilidade de amar. Decaímos de uma condição superior, incompatibilizamo-nos com Deus, negamos nossa própria razão e a retidão de nossa vontade, preferindo a injustiça à justiça, o mal ao bem. Ficamos assim, profundamente marcados com algo que se assemelha, na alma, ao que a lepra é no corpo, segundo a conceituação terrìvelmente pessimista em que era tida na Antiguidade e por tantos séculos a amaldiçoada doença. Os leprosos e todos os que contraiam uma impureza legal, como por exemplo tocar num cadáver, eram tidos pelo Antigo Testamento como símbolos vivos daqueles que, pelo pecado, estão manchados, impuros, contaminados. As leis cerimoniais admitiam uma purificação legal dêstes através da aspersão da água lustral em que se embebia o ramo de hissope. O Sacerdote aspergia sete vêzes o que deveria ser purificado e o declarava puro (Lev. 14, 1-7).

O Salmista, o Rei Davi, que aqui é simplesmente o pecador à procura da Misericórdia e do perdão divino através de sua penitência, compara-se humildemente ao leproso que implora a graça do perdão através da aspersão purificadora. Se, entretanto, Davi recorre ao fato concreto e histórico da purificação externa, física, pela aspersão, como imagem e símbolo de uma realidade interna: o perdão, a purificação interior, êle está de fato profèticamente anunciando e invocando a purificação verdadeiramente eficaz das másculas do pecado através da aspersão generosa do precioso sangue derramado por Cristo na Cruz. O que absolverá Davi *por antecipação* e a todos nós *por derivação* é a fôrça salutar do sangue do Salvador, do Cristo que êle acreditava sairia de sua geração, segundo a promessa e a Aliança, e que nós acreditamos estar na Igreja, nas sete eficazes aspersões dos sete sacramentos que brotaram de seu Coração Redentor no alto da Cruz. Só assim seremos realmente purificados, só assim o Salmista é atendido no seu pedido de ser lavado e de ficar sem mancha. Se, pois, a finalidade da confissão, da penitência, dos jejuns, das cinzas e dos prantos é ser perdoado, é ficar sem mancha, a fonte de onde êsse perdão e essa purificação jorrarão é a Páscoa do Cristo, é a eficácia do sangue do Cordeiro imaculado derramado pelo mundo, é a fôrça purificadora das águas batismais, santificadas pelo mergulho e pelo emergir redentores da morte e da Ressurreição de Cristo. Tem pois um profundo sentido pascal, antecipadamente cristão e sacramental êste simples verso com o pedido do Salmista para ser purificado e lavado pela aspersão do hissope. Tem-no ainda mais quando usa da superlação, da fôrça de expressão: "para que fique mais branco que a neve." Mais branco que a neve, diz Cassiodoro, não existe,

se tomamos a expressão fisicamente, mas a alma espiritual purificada realmente resplandece muito mais que a neve, muito mais que qualquer corpo. A fôrça de expressão: "mais branco que a neve" tem entretanto sua perfeita e plena significação se considerarmos o estado de fulgor da alma redimida pelo Sangue do Cristo relativamente a qualquer outro estado de purificação em que por ventura a natureza humana se pudesse haver encontrado. Em especial, a comparação se estabelece com o estado de justiça original em que viveram nossos pais, Adão e Eva antes do pecado. Se então o estado de amizade, de semelhança com Deus dava-lhes a brancura da neve,, no estado de justificação, de redenção pelo Sangue do Cristo, a alma humana resgatada e santificada pode ser dita mais branca que a neve. E aqui está a fôrça especial do Mistério da Páscoa do Cristo que dá todo o sentido às palavras do Salmista. É o paralelo que existe entre o "universo da criação" ou da elevação, e o "universo da redenção". O primeiro universo diz-nos Charles Journet (1) estava centralizado em Adão, que era apenas homem e não devia conhecer a morte. O segundo universo está centralizado em Jesus, que é Deus, que conhecerá a morte e suas angústias, para entrar na ressurreição. No primeiro universo, não há participação do mal; — e por isso, dizemos nós, é branco como a neve — no segundo universo, a parte do mal, que é imensa é vencida por um amor mais imenso ainda", razão por que Davi dirá: mais branco que a neve. Êste o sentido de tantas orações da Liturgia que compara o maravilhoso da criação com o mais maravilhoso ainda da Redenção. Esta a própria poesia pascal do grandioso hino do Exsultet: "Ó maravilhosa ternura de Amor! Para libertardes o escravo, entregastes o Filho. Ó verdadeiramente necessário pecado de Adão que a morte do Cristo veio destruir! "*O felix culpa!* Ó feliz pecado que nos valeu um tal e tão grande Redentor!"

"Nossa perda nos foi proveitosa — dirá S. Francisco de Sales — pois a natureza humana recebeu maiores graças pela redenção do Salvador, do que jamais poderia ter recebido pela inocência de Adão se nela tivesse o mesmo permanecido. ... a Redenção de Nosso Senhor tocando nossas misérias, as torna mais úteis e dignas de amor, do que jamais poderia ter sido a inocência original. Os anjos têm mais alegria no céu, diz o Salvador, por causa de um pecador, que faz penitência, do que pelos noventa e nove justos que não precisam de penitência. Da mesma maneira, o estado de redenção, vale cem vêzes mais que o estado de inocência. Certamente, na aspersão do sangue de Nosso Senhor feita pelo hissope da Cruz, fomos remidos em

---

(1) *Ver "Entretiens sur la Grâce" D. de B. 1959, p. 132-134.*

brancura incomparàvelmente mais excelente que a da neve da inocência..." (2)

É a alegria de Páscoa, a vitória da Ressurreição, a exaltação em que a Páscoa do Cristo transformou tôda humilhação, tôda mortificação, unida à Sua humilhação e à Sua morte que o Salmista, por antecipação, canta no verso seguinte:

10. Anunciai-me uma palavra de satisfação e de alegria para que exultem meus ossos, por vós triturados.

O pecador que assume verdadeiramente a sua cruz de penitência aspira, com o coração mais dilatado, êsse vibrar de alegria que virá com o perdão, que lhe será trazida pela reconciliação com aquele que é Fonte de tôda Alegria pois é a fonte de tôda a Vida e de quem, separados, incompatibilizados pela nossa livre cegueira só poderemos estar no luto, na mesquinhês, na tristeza, mascarada às vêzes de falsa alegria, de quem sente o íntimo de sua vida minado e destruído, a envergadura de sua existência aparentemente brilhante, corroída e triturada, como os ossos a que se refere o Salmista.

Pela penitência, o pecador começa por reconhecer a realidade do estado em que se encontra, e perfuma a sua miséria com o espiritual desejo da reconciliação, com a alegria de quem no deserto ou no oceano já antevê a pátria.

O gáudio e a alegria de que fala o Salmista são o gáudio e a alegria da Páscoa, da Ressurreição dos ossos triturados, dos corpos semeados na morte e na sepultura à espera do dia do Senhor, da palavra definitiva: "Vinde, benditos de meu Pai, possuir o Reino que para vós está preparado desde o início do mundo." (Mt, 25,34).

---

(2) *Ver Journet, lugar cit.*

OS TEMPLOS VIVOS DA TRINDADE

Uma das afirmações de Jesus mais misteriosas, sem dúvida, mas também mais consoladoras, foi aquela que pronunciou na última Cêia:

"Se alguém me ama e guarda a minha palavra, meu Pai o amará, e nós viremos a êle, e nêle faremos morada" (1).

Momentos antes dissera o mesmo do Espírito Santo:

"Êle permanecerá convosco e estará em vós" (2)

Ora, ainda que fôssem únicas, ainda que não tivessem a confirmação de vários outros lugares na Revelação, essas poucas palavras teriam bastado para entreabrir um mundo inédito à esperança religiosa dos homens: as Pessoas divinas fazem Sua habitação nas almas dos justos, como que para alí transportam o Seu convívio íntimo, afim de fazê-lo participado e saboreado, afim de iniciarem a divinização dos homens já na terra.

São Paulo fala igualmente, várias vêzes, de um envio do Espírito aos nossos corações, para que possamos clamar com tôda verdade "Abba", Pai (3), para que tenhamos a experiência da filiação divina (4), o manancial da caridade (5), o penhor da ressurreição (6), para que nos tornemos, enfim, "templos de Deus" (7).

É no fundo a mesma idéia de uma nova imanência de Deus nas criaturas que o amam. É a realização plena — tão plena quanto pos-

---

(1) — Jo 14,23.
(2) — Jo 14,18.
(3) — Gal 4,6.
(4) — Rom 8,16.
(5) — Rom 5,5.
(6) — Rom 8,11.
(7) — 1 Cor 3, 2 Cor 6,16. Ver ainda 2 Tim 1,14; 1 Tes 4,8; Gal 3,2; etc.

sível no tempo da peregrinação — daquela figurativa *Chekinah* do Antigo Testamento (8), quando Jahveh inundava com Sua glória a tenda, a arca, o Templo de Jerusalém (9).

Trata-se, sim, de algo muito mais profundo e sobrenatural do que a já misteriosa onipresença de Deus, de que tanto a razão como a Revelação nos falam. Sabemos que Deus está em tôda parte, como o Vidente "de olhos dez mil vêzes mais luminosos do que o sol" (10) e como o Agente criador e sustentador dos seres, responsável pela entidade e pelo dinanismo de tôdas as Suas criaturas:

"Êle não está longe de cada um de nós, pois n'Êle nós vivemos, nos movemos e existimos" (11).

Mas não é só a esta presença, evocada no Aréopago de Atenas, que São Paulo se refere em suas cartas às comunidades cristãs dos romanos, coríntios, gálatas, tessalonicenses... Nem é dela que tratam as sublimes promessas do Senhor na Última Cêia. Tratam de uma presença mais íntima, de uma visita de pessoa a pessoa, de amigo a amigo, de algo que excede as previsões da razão, pois deriva imediatamente de um amor sobrenaturalmente paterno: "meu Pai o amará".

Ser-nos-á lícito aprofundar um pouco qual seja o seu significado? Levantar, nas analogias da fé, uma ponta do véu que encobre o santuário dêsse mistério?

Evidentemente não o ousaríamos fazer como pioneiros. Mas temos aqui, a preceder-nos, a guia de uma imensa tradição. Dessa Tradição da Igreja, que nunca nos deixa sózinhos e perdidos. Ela não nos entrega, apenas, a letra dos Livros sagrados, onde estão consignadas as revelações e promessas sobrenaturais, mas nos ensina a lê-los e a encontrar em suas páginas um maná escondido.

É verdade que o Magistério da Igreja quase não fêz declarações sôbre o nosso assunto (12), deixando assim certa margem a uma relativa diversidade de exposições. Mas quantas e quão amplas não foram as elucubrações dos Padres, dos Doutores, dos Santos... "Se

---

(8) — Chekinah é a palavra pela qual os judeus designavam a "Habitação" de Jahveh no meio de Seu povo, representada pela nuvem luminosa. Os Judeus, porém a interpretavam mais como sinal da transcendência inaccessível de Jahveh do que pròpriamente de Sua imanência ao povo.

(9) — Ex 24, 15-17; 29,43; Num 14,10; 16, 19-42; 1 Reis 8,10s; 2 Par 5,13s; etc.

(10) — Ecli 23,20.

(11) — At 17,28.

(12) — Referem-se ao fato da Inhabitação: o Símbolo de Sto. Epifânio (Dz 13); o Concílio Tridentino (Dz 749); a Encíclica "Divinum illud munus", de Leão XIII; a "Mystici Corporis", de Pio XII; etc. Não se trata, contudo, de definições oficiais.

alguma vez os Santos Padres escreveram páginas magníficas foi para celebrar essa habitação íntima e permanente de nosso grande Deus na alma de seus filhos adotivos", observou Terrien (13), acrescentando que um volume inteiro seria absolutamente incapaz de conter tôda essa matéria. Como não o será, então, êste brevíssimo artigo, onde o que queremos é dar ao leitor, em poucas pinceladas, um esbôço das principais questões que surgem para quem medita na verdade da Inhabitação?...

Para os *antigos Padres,* especialmente os gregos, impossível era falar na santificação, na "deificação" do homem, sem o recurso à revelação da presença das Pessoas divinas, especialmente do Espírito Santo, a quem êles apropriavam de um modo particular êsse efeito santificador (14). Como conceberíamos a elevação ao "consórcio da natureza divina" (15) por meio de um dom criado, de uma graça que não fôsse ela mesma sigilada em nossa alma pelo contacto presencial de Deus?

Era assim que raciocinavam um Sto. Atanásio, um S. Basílio, um S. Cirilo de Alexandria, em têrmos tão claros que é de se admirar como possa ter-se desviado da Tradição, num ponto como êste, a teologia fociana (16) dos gregos cismáticos, que entende a missão invisível do Espírito Santo apenas como a descida de Seus dons. São Cirilo dizia, ao contrário:

"É recebendo a impressão do Espírito Santo que nós somos recriados à imagem de Deus (isto é, que nós recebemos a graça santificante)... Ora, não é à maneira de um pintor que pintasse em nós a divina essência, sem ser êle mesmo Deus, que o Espírito Santo nos transforma à divina similitude, mas, sendo Deus e procedendo de Deus, Êle se une ao coração dos que O recebem à maneira, digamos, do carimbo na cêra. Graças, assim, a uma união consigo mesmo e à assimilação dêsse modo produzida, faz Êle reviver os traços da imagem de Deus em nós" (17).

É a doutrina que está na base da famosa fórmula elaborada pouco mais tarde pelo pseudo-Dionísio, de que a justificação consiste na

---

(13) — J. B. Terrien, "La grâce et la gloire", 1. IV, p. 224, Paris 1901.

(14) — Segundo Petávio, "De theologicis dogmatibus" (De Trinit. 1.8, c. 6) seria mais que uma apropriação, seria uma propriedade do Espírito Santo o que os Padres afirmavam. Ver a refutação dêsse parecer em P. Galtier, "Temples du Saint-Esprit", RAM 1926, 365-413.

(15) — 2 Ped 1,4.

(16) — Fora os dissidentes, pouquíssimos teólogos (Ripalda, Viva) entenderam as missões invisíveis de que fala a Escritura no sentido apenas de envio dos dons do Espírito Santo.

(17) — Thes. de sancta et consubst. Trinitate, MG 75,609 (R.J. 2080).

"assimilação e união" com Deus (18). Assimilação pela graça santificante, união pela inhabitação; graça criada, e Graça incriada.

Distinguiam também acuradamente os Padres a presença especial de Deus da presença geral em tôdas as criaturas: — esta, diziam, pela Sua potência; aquela, por Sua substância (19). Distinguiam-na ainda da presença divina transitória concedida aos profetas do Antigo Testamento em seus oráculos:

"Nos santos profetas brilhava uma espécie de iluminação e de inspiração do Espírito, capaz de elevá-los à visão do futuro e ao conhecimento das coisas ocultas, mas nos que creêm no Cristo não é apenas uma inspiração do Espírito Santo, é o Espírito Santo mesmo que vem nêles habitar e fixar Sua morada. E por isto nós somos chamados templos de Deus, ao passo que jamais foram os profetas chamados templos de Deus" (20).

Verdade é que os Padres gregos consideravam mais a presença divina especial realizada na infusão da graça e seus dons do que na experiência de convívio que se lhe segue e que é condicionada pelo *exercício* dos dons da graça. Falavam mais de uma presença ontológica da Trindade, em nós, e da crescente imagem divina na qual ela nos transforma, do que de sua percepção mística à maneira de objeto (21).

Entre os Padres latinos sobressaem como sempre os escritos de *Sto. Agostinho*, Doutor da Trindade e da graça.

De acôrdo com a índole de sua mentalidade ocidental, que considera de preferência a ordem da operação à da participação e dos valores ontológicos, vem mais evidenciado ali o aspecto dinâmico-psicológico da Inhabitação, que, aliás, prevalecerá em tôda a teologia posterior. Sto. Agostinho diz, por exemplo, que:

"O Filho é enviado a cada um quando se torna por êle conhecido e percebido, segundo a capacidade da alma que tende para Deus ou já é perfeita em Deus" (22).

Os gráos da Inhabitação se medem nisso que "segundo a diferença das capacidades, Deus é mais ou menos imperfeitamente recebido" (23), como acontece com a luz, que embora inunde também

---

(18) — De eccl. hier., I,3: MG 3.
(19) — Cf., por exemplo, S. Cirilo de Alexandria, 7.º Diálogo sôbre a Trindade, MG 75, 1105, 1108, etc., S. Gregório Nazianzeno, Or. XLI, n. 11: MG 36,444 C; etc.
(20) — S. Cirilo de Alexandria, In Joan., 1. V: MG 73,757 A-B.
(21) — Cf. Irénée Chevalier, "La présence de la Trinité par la sanctification, d'après les Péres grecs", in La Vie Sp 1938, (pp. 153-188)
(22) — De Trin., IV, 20.28: ML 42,907s.
(23) — Ibidem.

os olhos cegos só é percebida pelos sãos e na medida de sua vitalidade.

O que constitui, pois, a Inhabitação é a capacitação da alma à experiência do divino Hóspede. É nisso que ela difere da presença de imensidade, podendo ser dita uma presença nova:

"O admirável é que Deus esteja em tôda parte, integralmente em cada um dos sêres e, não obstante, não *habite* em todos êles. Não é a todos com efeito, que se podem aplicar as palavras do Apóstolo: Não sabeis que sois templos de Deus, e que o Espírito Santo habita em vós? (2 Cor 3,16). É por isso que também há aqueles dos quais está escrito: Quem não tem o Espírito do Cristo Jesus não é dêle (Rom 8,9). Ora, eu não penso que se possa crer — a menos que ignoremos completamente a inseparável unidade da Trindade — que o Pai e o Filho habitam nos que não possuem o Espírito Santo, ou que êste possa ser possuído por quem não possui o Pai e o Filho. Portanto, é preciso confessar: se Deus está em tôda parte pela presença de Sua divindade, não o está pela graça da *habitação*. É em razão dessa habitação, onde se nos revela a infinita liberalidade do divino amor, que, ao invés de dizermos: Pai nosso, que estais em tôda parte (o que, aliás, seria verdadeiro), nós dizemos: Pai nosso, que estais nos céus: relembrando assim em nossa oração que Deus tem um templo e que êsse templo devemos tornar-nos também, se quisermos ingressar na família dos filhos adotivos" (24).

Na base dêsses vários desenvolvimentos dos Santos Padres, *S. Tomás de Aquino* pôde elaborar uma síntese mais completa, apresentada "ex professo" no estudo das "Missões divinas" — e veremos dentro em pouco o significado dessa colocação, que é aliás, a da Sagrada Escritura (25).

Como em todo o seu tratado sôbre a Santíssima Trindade, predomina a inspiração agostiniana, embora não falte o conhecimento e a influência dos Padres gregos. Do mesmo modo que êstes últimos, Sto. Tomás acentua a inseparabilidade entre a graça criada e a Graça incriada. Nenhum dom nos poderia divinizar se não implicasse uma doação imediata do próprio Deus à alma:

"Visto que pela graça nós nos tornamos unidos diretamente a Deus e não mediante uma criatura, é necessário dizer-se que a graça procede imediatamente de Deus em nós" (26).

---

(24) — Ad Dardanum, epist. 187,5: ML 33,837-838.

(25) — Principais lugares em que Sto. Tomás trata da Inhabitação: CG, IV, c. 21; S. Th. I.ª, q 43, aa 3-7; q 8, a 3; 1 Sent, d 14, q 2, a 1; d 15; d 17; d 37, q 1, a 2; In 2 Cor 6,16; etc.

(26) — 1 Sent, d 14, q 3, a 1, in c; vêr ainda De car., q 1, a 1, in c; CG, IV, c. 18; De Ver, q 27, a 3, in c.

Como Sto. Agostinho, descreve, porém, a Inhabitação principalmente em seu momento de convivência experimental com as Pessoas divinas:

"Embora Deus esteja nas outras criaturas, elas não estão com Deus. Só a criatura racional, pela graça, atinge Deus mesmo, amando-o e conhecendo-o: e é por isso que se diz que ela está com Deus... que ela é templo de Deus e inhabitada por Êle" (27).

Deus se torna presente à alma não só como a Causa em seus efeitos, mas "como o conhecido no que conhece, como o amado no que ama".

A alma, então, o *possui*, neste sentido bem especial de que pode "usufruir", "perceber", "experimentar" a Sua presença (28). E isto só é possível em razão da graça santificante que inunda a alma (29).

Alguns quiseram interpretar essas afirmações do seguinte modo: a Inhabitação é, em si, uma presença representativa, afetiva, de Deus, na alma santa, e abstrai da Sua presença real, que não é outra senão a de imensidade (30). É esquecer, porém, o contexto todo de Sto. Tomás, no qual as palavras "como o conhecido no que conhece, como o amado no que ama" significam, com clamorosa evidência, um contacto *experimental* (ou quase) com Deus, prelúdio da visão beatífica, e que não pode em absoluto prescindir de Sua presença *real* à alma. Real e não só psicológica.

Pergunta-se, contudo: essa presença não é especificamente a mesma de imensidade, isto é, aquela pela qual Deus nos toca através de uma operação Sua? (Supondo-se, é claro, que essa operação, além de sustentar nosso existir e agir naturais, é responsável pela produção, conservação e dinamismo da graça santificante).

— Sim, na opinião mais comum dos tomistas (31). A presença real de Deus seria então um pré-requisito indispensável à Inhabitação, embora formalmente se constitua esta pelos atos (32) da alma

---

(27) — 1 Sent, d 37, q 2, expositio textus.
(28) — S. Th., 1.ª, q 43, a 3; a 5, ad 2.
(29) — Ib., a 3.
(30) — Assim Vasquez: cf. João de Santo Tomás, Cursus theol., III, disp. 17, art. 3.
(31) — João de Sto. Tomás, loc. cit.; L. Gardeil, "La structure de l'âme et l'expérience mystique", II. pp. 41-87; Garrigou-Lagrange, "Les trois âges de la vie intérieure", I, 135s; etc.
(32) — Ou pelo **poder** de realizar os atos (da caridade infusa e demais dons) que atingem quase experimentalmente a presença de Deus. A criança batisada, antes mesmo de qualquer atividade de sua graça santificante, já possui êsse poder; igualmente o justo, enquanto dorme, não perde a presença de Deus, pois permanece em disposição última de "usufruir" o divino objeto: cf. S. Th. I.ª, q 43, a 3, ad 2.

agraciada, isto é, pelo iniciar-se, digamos, de sua cêia íntima com o Senhor desde sempre presente. Só agora, no estado de graça, se poderia falar de um nôvo modo de presença, que seria êsse manifestar-se (ao menos potencial) da intimidade de Deus à alma, comparável, por exemplo, à auto-consciência experimental que nos faz um dia descobrir, maravilhados, a antiga companhia de nossa própria alma.

Outros teólogos (33), mais inspirados nêste ponto pela perspectiva dos Padres gregos, fazem recuar já para o momento (por natureza, anterior) da *produção* da graça, a presença especial da inhabitação. Já alí Deus Se entrega a nós, já alí principia a Sua visita pessoal, quando bate à nossa porta e antes mesmo que comece a cêia ou se ponha a mesa. É dêsse momento da infusão da graça que, podemos dizer, falava Nosso Senhor: "viremos a êle e nêle faremos morada". É nêsse momento que se dá o "envio" do Espírito Santo aos nossos corações para atestar que somos filhos de Deus.

A razão, porém, que alguns dão para explicá-lo é a seguinte: a produção da graça não é uma ação apenas eficiente, realizada por Deus, mas a um tempo eficiente e unitiva, isto é, assimilativa: ela tende, por sua natureza própria, a imprimir uma imagem de Deus em nós, de modo que se atua por uma comunicação, um contacto imediato da substância de Deus com a substância de nossa alma (como o sigilo que se imprime na cêra, diriam os Padres gregos). Eis porque postula, a um novo título, uma presença divina que já não é especìficamente a mesma presença de imensidade. As outras obras de Deus não exigem, da mesma forma, a Sua presença, pois se em tôdas elas está expressa uma semelhança com a Causa, isso se dá como que "praeter intentionem", enquanto aqui ela é a própria razão da sigilação divina.

— Ora, poderíamos perguntar: mesmo admitindo a legitimidade dessa "identificação" da causa exemplar com a eficiente, estaria estabelecida a diferença entre a presença de imensidade — manifestativa da única natureza divina — e a doação nova, de que fala a Revelação, manifestativa das Pessoas? Porque se se disser que esta manifestação trinitária é objetiva, isto é realizável na ordem intencional (pois a graça proporciona o conhecimento de Deus tal como Êle é, uno e trino), já então se recolocou a Inhabitação no exercício dos dons, não na sua produção, como se pretendia.

---

(33) — P. Galtier, "De Sanctissima Trinitate in se et in nobis", Romae 1953, n. 455; Joret, "Seigneur, où habitez-vous?", La Vie Sp 1931, p. 23; Chambat, "Mission des personnes divines de la sainte Trinité selon Saint Thomas"; etc.

Não se dá conta do conceito personalístico das "Missões" divinas se se estabelece como causa constitutiva da presença nova a produção da graça que é uma obra comum das três Pessoas (34). E não esqueçamos que o dado revelado é bàsicamente personalístico!

Realmente a Escritura, embora conheça também a expressão "templos de Deus" (35), fala-nos principalmente de "missão" do *Espírito Santo* (36), "vinda" ou "doação" do *Pai* e do *Filho* (37), e a importância que tem aqui a premissa da palavra revelada é máxima pois estamos num campo de mistérios estritamente sobrenaturais.

O mesmo se poderia dizer da tradição dos Padres antigos que, "tanto gregos como latinos, visavam sempre as pessoas *in recto*" (38). É igualmente muito significativo, como observávamos acima, que Sto. Tomás, apesar da perspectiva agostiniano-essencialista predominante em sua teologia trinitária, trate da Inhabitação na questão das Missões divinas. Para êle a Inhabitação é o resultado de uma "processão temporal" das Pessoas que na vida intratrinitária são procedentes (o Espírito Santo e o Filho) e de uma livre "auto-comunicação" do Pai, que não procede de outrem (39). Não está claro, ademais, que a relação indissociável que Sto. Tomás atribuiu entre Missões e graça santificante (40) afirme ser esta última a razão daquelas. Se explicasse a presença da Trindade nos justos pela via da operação e da essência divina não devia apelar para as Missões e Doações, que são de caráter pessoal!

Parece preferível, portanto, deslocarmos a perspectiva e dizermos que o que faz pròpriamente a Inhabitação são as Missões e Doações, consideradas em sua realidade divina pessoal. Não é o dom da graça que acarreta consigo a vinda de Deus, e através desta, uma presença das três Pessoas, mas sim as Pessoas é que vêem, diretamente e distintamente como tais, santificando, então, em consequência, a alma:

"A caridade de Deus foi derramada em nossos corações *pelo Espírito Santo que nos foi dado*" (41).

---

(34) — É de fé que tôdas as operações divinas "ad extra" são comuns às Três Pessoas: Dz 254; 281; etc. Recorda-o, a propósito mesmo da Inhabitação, a Encíclica "Mystici Corporis": "retenhamos como firmemente certo que tudo é comum à Santíssima Trindade naquilo que diz respeito a Deus como suprema causa eficiente".

(35) — 1 Cor 3,16; 2 Cor 6,16; 1 Jo 4,12-13.16.

(36) — Jo 14,16-18; Gal 4,6; Rom 8,8s; 5,5; etc.

(37) — Jo 14,23; Ef 3,16-17; etc.

(38) — Th. de Régnon, "Etudes de théologie positive sur la Sainte Trinité", étude XXVII, pg. 532.

(39) — S. Th. 1.ª, q 43,aa 3,4,5,7.

(40) — Ib, aa 3,6.

(41) — Rom 5,5.

Dizendo "vinda das Pessoas" atribuímos um fato contingente, temporal, às divinas Pessoas. Como em tôdas as atribuições assim feitas a Deus, só o que se lhe acrescenta é uma relação de razão — por causa da imutabilidade e infinita perfeição divina — mas vem conotado um "têrmo" exterior, criado, temporal, e que é condição necessária (mas, simplesmente falando, consequente) para a realidade da atribuição.

Assim, quando dizemos que Deus é Criador conotamos necessàriamente a existência da criatura, embora não seja por seu aparecimento no tempo que Deus se constitua Criador e sim por Sua realidade eterna e divina (42). A criatura é mero têrmo.

Da mesma forma quando dizemos que "o Verbo se fêz carne e habitou entre nós" (43), conotamos o existir humano que atuou no tempo aquela "carne" de Jesus (44), embora devamos dizer que é pelo Seu existir eterno e pessoal que o Verbo seja constituído homem no tempo (45).

Dizendo, pois, que o Espírito Santo é dado a uma alma, conotamos a graça santificante exigida por essa inhabitação, embora devamos reter que é a *processão eterna* e intra-trinitária do Espírito Santo que O constitui enviado, dado, Hóspede (46). E semelhantemente com respeito ao Filho. Do Pai, porém, como é Pessoa não-procedente, não dizemos ser enviado, mas num sentido mais próprio, que "vem" ou "se comunica" (47).

Porque cumpre não esquecer que com as três divinas Pessoas nós entramos em relação, segundo o testemunho da Escritura e dos Padres. Já se pretendeu que a relação fôsse apenas com o Espírito Santo, o qual seria propriamente e exclusivamente o Santificador das almas, vindo as duas outras Pessoas por uma questão de concomitância (48), mas essa tese poucos adeptos encontrou, por não estar suficientemente apoiada nos dados da Revelação. O que ela afirma do Espírito Santo deve ser ampliado ao Pai e ao Filho. Cada Pessoa vem, com Seu caráter próprio, à alma chamada a participar da vida di-

---

(42) — S. Th. 1.ª, q 43, a 2; q 45, a 3.
(43) — Jo 1,14.
(44) — Cf. Sto. Tomás, "De unione Verbi incarnati", art. 4.
(45) — S. Th. III.ª, q 16, a 9, ad 3; q 17, a 2, ad 2; etc.
(46) — Vêr a exposição dessa sentença em B. Lonergan, "Divinarum Personarum conceptio analogica", Pont. Univ. Gregor., Romae, 1958, pp. 207-212.
(47) — S. Th. I.ª, q 43, a 4.
(48) — Foi essa a opinião de Petávio: "De theolog. dogmat.", De Trin., l.VIII, c.VI,§6.

vina (49). O homem, por isso, já na terra passa a ter relações de real comunhão com cada uma d'Elas: se êle vive *no Espírito* torna-se configurado ao *Filho* e pode clamar "Abba" ao *Pai*:

"No Espírito Santo", diz Sto. Atanásio, "o Verbo glorifica a criatura e divinizando-a, fazendo-a Filho, condú-la ao Pai" (50).

Isso porque as Missões, como afirmávamos acima, são fundamentalmente "extensões", fora de Deus, das relações intra-divinas. Se é verdade que naquilo em que elas implicam modificação na criatura (produção da graça e seus dons) estamos diante de operações efetuadas mediante a única natureza pelas três Pessoas em comum, êsses efeitos são, porém, "têrmos" das eternas processões e, como tais entidades sobrenaturais, *que Deus pode fazer* participem das relações inherentes a essas eternas processões (51).

Assim, se o Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho a uma alma, a graça santificante então condicionada é como um reflexo da própria "espiração ativa" pela qual, na Trindade, Êle procede do Pai e do Filho, colocando o homem, por isso, numa relação especial ao Espírito santificador.

Do mesmo modo, o fruto dessa graça santificante, que é o dom da caridade, é como um reflexo do *têrmo* intra-trinitário da espiração ativa, isto é um reflexo do próprio Espírito Santo, participando, por isso, de Sua relação especial ao Pai e ao Verbo. Portanto é um vivo clamor de união com o Verbo e com o Pai.

Anàlogamente quanto ao fruto da caridade, que é a "luz da glória" (lumen gloriae), podemos dizer que é o reflexo criado da relação intra-trinitária da "filiação", isto é, do próprio Verbo, pois na "perichorese" — a circulação dinâmica da vida divina na Trindade — o "élan" do Espírito é todo para o Filho (e, através d'Êle, para o Pai).

---

(49) — Assim conclúem, entre outros, De Régnon, obra citada, p. 527 ss; Scheeben, nos "Mistérios do Cristianismo" (embora sua opinião pareça às vêzes oscilar para a de Petávio: cf. Fraigneau-Julien, "La grâce dans la théologie de Scheeben", NRT 1955, pg. 355s).

(50) — Ad Serapionem I, MG 26,530.

(51) — Vejam-se, a êste respeito, as considerações de B. Lonergan, obra citada, p. 214: "quattuor sunt divinae relationes reales... et ideo quattuor modi specialissimi quibus divina substantia ad extra imitari potest. Deinde quattuor sunt entia absolute supernaturalia, quae nunquam informia inveniuntur, nempe, esse secundarium incarnationis, gratia sanctificans, habitus caritatis, et lumen gloriae. Quare, non sine convenientia diceretur esse secundarium incarnationis esse participationem creatam paternitatis... gratiam sanctificatem esse participationem spirationis activae... habitum caritatis esse participationem spirationis passivae... lumen gloriae esse participationem filiationis..."

Eis porque a missão do Espírito se consuma quando se imprimiu em nosso ser a definitiva imagem do Filho. Essa imagem, sendo a participação da filiação do Verbo, é a condição necessária para que se atue realmente e plenamente a grande missão do Mediador, que é a revelação do Pai, a visão beatífica, a entrega do reino ao Pai (52), a adoção perfeita.

Tudo isso está na lógica do "Deus-conosco", supremo princípio de nossa religião. Começa por uma descida de Deus, que bate à nossa porta. Para ceiar conosco na intimidade de Suas Três Pessoas. Transfigura pouco a pouco a nossa mansarda com a Sua presença, com a Sua comunhão, pois nos entrega a Sua Palavra, o Seu Amor e a Sua Face.

---

(52) — 1 Cor 16,24.

Inquérito sôbre Liturgia

Questionário sôbre "Liturgia e Vida Espiritual" em vista de um Congresso

O Centro de Pastoral Litúrgica da França, que há mais de quinze anos vem realizando uma atividade notável no sentido do desenvolvimento e de uma maior penetração na vida de oração da Igreja, prepara nêste momento mais um de seus magníficos congressos nos quais problemas urgentes e importantes da Liturgia e sua renovação têm sido com proveito debatidos. O próximo Congresso que será na cidade de Angers, de 10 a 13 de julho próximo, tem por tema: *"Liturgia e vida espiritual"*.

O assunto das relações e entrelaçamento entre a oração litúrgica ou participação nas celebrações litúrgicas e a vida de oração íntima da alma cristã, sua vida espiritual, ou se quiserem, sua vida contemplativa foi recentemente objeto de um amplo debate por ocasião do aparecimento do grande pequeno livro de Jacques e Raissa Maritain "Liturgie et Contemplation". O debate ficou disperso nos artigos e recensões de diversas revistas. Sobresaíram, como tivemos ocasião de salientar então nesta REVISTA GREGORIANA (n. 43 Janeiro-Fevereiro 1961 p. 21-30) os artigos do P. Labourdette O.P., Mons. Charles Journet, P. Régamey O.P., P. Bro O.P., Dom Vagaggini O.S.B., sendo que outros não puderam merecer maior consideração por manifestarem evidente distorsão de espírito em face do problema proposto.

No Congresso de Angers a questão se proporá com tôda a vivacidade dos contatos pessoais e, fazemos vivos votos, sem a excessiva paixão da defeza a todo custo de posições personalíssimas. A urgência e gravidade da questão vem salientada pelo P. Bro O.P. nos seguintes termos: "Está em jôgo a *verdade* de nossa oração em relação aos rítmos de nossa psicologia de hoje, em relação ao nosso universo mental e à nossa imaginação de homens do século XX. Será realmente a Liturgia fonte e recapitulação de nossa vida de cada

dia? Está em jôgo a qualidade "cristã" de nossa oração: que seria de uma oração que não fôsse antes de tudo uma retomada da oração de Cristo? Está em jôgo a serenidade de tôda a vida espiritual: com efeito, não menos que a fé, a oração, a ascese, a conversão, a procura da vontade de Deus não poderão realizar-se fora dos intermediários preparados e vividos pela Igreja." (Vie Spirituelle, Março 1962, p. 354). O mesmo autor nota com felicidade uma certa especialização que se verifica, dividindo aqueles que só tratam de Liturgia e os que não tratam absolutamente de Liturgia. Essa divisão, compreensível até certo ponto, terá de ser superada com o tempo, como de fato já o vem sendo. Era preciso uma primeira fase, diz o P. Bro, em que os pioneiros fazem reviver a tradição, seus textos, seus ritos da grande oração da Igreja. Mas acontece com a Liturgia o mesmo que com a própria fé, não basta transmitir um conteudo. Não há escolástica que tenha o poder de gerar a fé, se ao mesmo tempo, não se prepara a conversão do cristão através do contacto vivo e interior com Deus, e se não se renova permanentemente o vocabulário para que a mensagem permaneça sempre atual. A Liturgia não será fonte de vida espiritual se, como acontece com a fé, os homens não penetrarem a verdade interior daquilo que fazem. (Cf. lugar citado).

O Centro de Pastoral lançou um inquérito com perguntas a serem respondidas por sacerdotes e fiéis sôbre o grande problema: "Liturgia e Vida Espiritual', em vista de preparar o Congresso de Angers. Êsse questionário nós o publicamos na íntegra, em seguida; com isso a REVISTA GREGORIANA procura colocar seus leitores em contacto com êstes grandes temas de interêsse espiritual e os convida vivamente a que, meditando com serenidade e profundeza sôbre o assunto, formulem suas respostas e enviem-nas, senão diretamente para Angers dada a escassez de tempo, ao menos para a Redação desta REVISTA GREGORIANA e será uma contribuição valiosa que nos levará a tratar da questão nessas colunas ou mesmo na próxima *Semana Gregoriana* que se anuncia para 16 de julho no Rio de Janeiro, Colégio Angelorum, Rua da Glória, onde quase simultâneamente com o Congresso de Angers poderemos tratar das questões propostas à maneira de um pequeno Congresso Litúrgico.

São as seguintes as questões propostas pelo Centro de Pastoral Litúrgica:

(O próprio questionário dá exemplos de algumas possibilidades de resposta para cada questão.)

1. Você teve conhecimento do movimento de renovação litúrgica ?
   — Apreciou tal movimento ?
   — Quais as formas que mais lhe impressionaram ?

Respostas: por exemplo, participação ativa dos fiéis na Missa; reforma da Semana Santa; uso do Missal; renovação dos cânticos; estilo e "arrumação" das igrejas; peregrinações e romarias, etc.

2. Que tem ouvido você dizer, entre os católicos, a respeito desta renovação littúrgica ? Distinguir, se fôr o caso, de acôrdo com o meio social, idade, formação espiritual, grau de participação no apostolado, mentalidade masculina ou feminina. Observar, principalmente, as críticas.

Respostas: por exemplo, estas missas me impedem de rezar; a gente não entende nada das cerimônias do Batismo; a Liturgia afasta os cristãos de seus compromissos na cidade; mudam de mais os nossos costumes antigos; cada paróquia faz uma liturgia diferente, etc.

3. Que opiniões você ouviu da parte dos não católicos por ocasião de batizados, casamentos, entêrros, procissões, bençãos públicas, missas radio-televisionadas, etc.

FRUTOS ESPIRITUAIS DA LITURGIA

4. Espera você da Liturgia e encontra nela um aprofundamento de seu sentido de Deus ?

Resposta: por exemplo, compreensão viva da Palavra de Deus; sentido do mistério de Deus sempre acima de nossos pensamentos e de nossos esforços; sentido da beleza, da bondade de Deus, etc.

5. Espera você da Liturgia e encontra nela auxílio para o recolhimento ?

Resposta: por exemplo, experiência de uma volta à calma, após a agitação da vida cotidiana; valor do silêncio, alimento para a reflexão, etc.

6. Espera você da Liturgia e encontra nela motivos de alegria espiritual ?

Resposta: por exemplo, sentimento da amizade e do perdão imenso de Cristo; experiência do esquecimento de si; beleza singela das cerimônias; sensação de festa; convite para a ação de graças; sentido sempre mais profundo da graça de ser filho de Deus, etc.

7. Espera você da Liturgia e encontra nela um sentido mais profundo da comunidade cristã?

Resposta: por exemplo, diversidade e unidade do povo de Deus reunido na Igreja; estímulo para o perdão das ofensas; apêlo à fraternidade; o sentido da Igreja espalhada pelo mundo inteiro; sentido das grandes intensões da Igreja de hoje; sentido da Hierarquia católica; sentido da oração oficial da Igreja; contato mais íntimo com os mártires, com os santos, com os cristãos dos séculos passados etc.

8. Espera você da Liturgia e encontra nela um sentido mais profundo da história do mundo no plano de Deus?

Resposta: por exemplo, sentido de uma humanidade em marcha para Deus; de sua renovação pelo Cristto; da última vinda do Senhor; da referência de cada acontecimento do mundo com o Reino de Deus; purificação de nossa esperança para que ela não se firme senão na obra da salvação realizada por Deus; descoberta da significação da Igreja no desenrolar da história humana; sentido da espera dolorosa de tôda criatura. (Cf. Rom 8)

9. Espera você da Litturgia e encontra nela um acréscimo de seu senso apostólico?

Resposta: por exemplo, pezar pelo fato de ver os cristãos serem tão poucos e tão frios; consciência de ser representante de muitos diante de Deus; maior coragem para vencer seu respeito humano; compreensão do que falta àqueles que não têm fé em Cristo, etc.

10. Espera você na Liturgia e encontra nela mais luz e fôrça para a vida de cada dia?

Resposta: por exemplo, um sentido mais sério da vida; maior submissão aos acontecimentos; sentido da peregrinação da humanidade diante de Deus; aceitação religiosa da

tentação, da morte, do luto; senso para distinguir as tentações do demônio e a coragem para lutar contra elas, etc.

ELEMENTOS FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DA LITURGIA

11. Segundo sua opinião, que se deveria fazer para que a Missa se tornasse mais frutuosa para a vida espiritual dos cristãos?

Resposta: por exemplo, esplendor das cerimônias ou, ao contrário, sobriedade nas mesmas; intervalos em silêncio; escolha de cânticos; função dos comentários, pregação; participação dos fiéis; gestos comunitários; órgão, coleta, intenções das orações, ação de graças após a comunhão, etc.

12. Segundo sua opinião, os outros sacramentos deveriam também receber maior influxo da renovação litúrgica?

Resposta: por exemplo, o Batismo, a Extrema-Unção, os funerais, o Matrimônio, a Confissão, etc.

13. Que sugestões gostaria você de dar aos padres e aos acólitos? Você dispõe de meios para se fazer atendido em seus desejos e críticas?

Resposta: por exemplo, celebração menos nervosa, mais digna; gestos do padre ao celebrar voltado para o povo (1); que os acólitos sejam meninos ou adultos; casos de padres que, por estar numa paróquia pequena devem executar muitas funções ao mesmo tempo; papel de um "comité" litúrgico, etc.

EDUCAÇÃO ESPIRITUAL PARA A LITURGIA

14. Você sabe qual é o papel que tem a Sagrada Escritura na Liturgia. Sente, portanto, necessidade de uma educação espiritual para a Bíblia? Sob qual forma?

Resposta: por exemplo, comentários das lições litúrgicas no decorrer da celebração; homilias, conferências bíblicas, vigílias de orações baseadas na Escritura; livros ou revistas, etc.

---

(1) *N. da R. Onde essa celebração é permitida.*

15. A Liturgia usa muitos sinais e gestos .Acha necessária uma educação espiritual para entender êstes ritos? Sob qual forma?

Resposta: por exemplo, o costume é bastante para explicar o sentido? É preciso uma explicação da história dêstes ritos? Que é que daria aos cristãos o sentido das atitudes do corpo? Como vencer os obstáculos que constituem o espírito técnico, o pêso das tradições litúrgicas do passado, a deformação livresca de muitos cristãos, etc.

16. A Liturgia representa a oração oficial da Igreja. Você acha que é preciso uma formação espiritual para êste aspecto público e codificado da Liturgia?

Resposta: por exemplo, respeito pela tradição antiga; sentido de uma oração internacional; despojamento de certo sentimentalismo; luta contra a multiplicidade de devoções; sentido mais profundo do Mistério da Igreja, etc.

17. A Liturgia representa uma oração contemplativa. Acha que é preciso uma formação espiritual para sentir o valor da contemplação? Sob qual forma?

Resposta: por exemplo, valor da entrada numa cerimônia; denúncia da agitação moderna; aprender a confiar em Deus no meio das preocupações cotidianas; educação de um sentido da ação militante que não seja uma simples preocupação de êxito imediato, sem a prioridade absoluta de Deus, sermões sôbre o céu ,etc.

18. Quais foram os aspectos de sua vida cristã que lhe ajudaram nessa educação espiritual da Liturgia?

Resposta: por exemplo, movimentos de Ação Católica; oração em família; visita a mosteiros; retiros fechados; vida de oração; peregrinações, missões, etc.

RITMO DA VIDA LITÚRGICA

19. Quais são as celebrações litúrgicas das quais você participa?

Resposta: por exemplo, missa solene, ou pelo menos cantada aos domingos; Ofícios da Semana Santa; vésperas;

bênção do Santíssimo; Quatro Têmporas, Quaresma, missa durante a semana, etc.

20. Quais são os tempos litúrgicos que têm maior significação para sua vida cristã? E quais as razões?

Resposta: por exemplo, Advento, Natal, Quaresma, Páscoa; missa dominical; tal peregrinação, etc.

21. Qual é a repercussão da Liturgia em sua oração cotidiana?

Resposta: por exemplo, utilização dos textos da Liturgia para a meditação; lembrança de textos dos salmos, dos hinos cantados na Liturgia; gôsto pelas orações oficiais da Igreja.

22. E esta repercussão também existe entre aqueles com os quais você convive ou conhece?

23. E na oração em família?

(Qualquer resposta que se dê será útil; não é necessário que se responda a tôdas as questões.)

Semana Gregoriana de Pôrto Alegre

Dirigida pela ESCOLA REGIONAL filiada ao INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

de 12 a 22 de Julho de 1962

Cursos de 1.º e 2.º ano de C. Gregoriano

Local: Colégio Sevigné, Rua Duque de Caxias 1475 - PÔRTO ALEGRE - R.G.S.

VIDA DO INSTITUTO PIO X

XIX Semana Gregoriana

Realizou-se em S. Paulo, no Colégio "Assunção", Alameda Lorena, 665, de 21 a 31 de janeiro pp. a XIX SEMANA GREGORIANA, sob os auspícios do "INSTITUTO PIO X" do Rio de Janeiro. Como das Semanas anteriores, esta se desenvolveu em forma de curso intensivo, aliás òtimamente organizada. Participaram dos estudos seis sacerdotes, dezessete clérigos e irmãos, cinqüenta religiosas e quatro leigos, num total, portanto de setenta e sete alunos.

Para ministrar as aulas foi constituído o seguinte quadro:

1.º ano — Cl. João Batista dos Santos, da Arquidiocese de S. Paulo, auxiliado pela Irmã Maria de S. Bernardete, Carmelita da Divina Providência.
2.º ano — Irmã Maria Filomena, da Congregação dos Santos Anjos.
3.º ano — D. João Evangelista Enout, O.S.B., Diretor do "INSTITUTO PIO X" e Irmã Maria Lina, Dominicana, Secretária.
4.º ano — Irmã Maria Lina.

Pontos altos da Semana foram os atos litúrgicos oficiais: Missa Cantada de Abertura no dia 21, Missa Recitada e Explicada por "Comentador" no dia 23, Missa Cantada dia 25, festa de S. Paulo e Missa Cantada de Encerramento, dia 31, festa de S. João Bosco. Com o fervor e a finura que se supõem, cantaram-se os "Próprios" correspondentes a cada dia e as missas IV, XI, XV com o Credo I.

Curso intensivo, a dedicação aos estudos foi integral, segundo se pode ver pelo horário das aulas:

1.ª aula — 8,30 às 10
2.ª aula — 10,15 às 11,30
3.ª aula — 13,30 às 15
Ensáio geral — 15,15 às 16,30.

Ao encerrar-se a Semana, D. João conferiu o Diploma de Regência aos seguintes alunos que finalizaram os quatro anos do curso: M. Marie du Rédempteur; Ir. M. José Clímaco Ferreira; M. Jeanne Marie.

Mas seria necessário ir além das cifras e das palavras... para dar aos leitores uma idéia exata do que foi a Semana Gregoriana de 1962.

Impossível descrever-lhe, por exemplo, a admirável atmosfera de fraternidade!

Os hábitos dos religiosos e religiosas eram diferentes, de colorido diverso e mesmo contrastante... mas ninguém fazia cerimônia com ninguém!

Perpassava pelos corredores e pátios uma brisa intensa de indizível felicidade!

O estimulante "sense of humour" de D. João, realizou o milagre de converter o trabalho árduo dos ensáios em horas de agradabilíssima convivência.

Sobretudo inesquecíveis os dias em que foi celebrada a "Liturgia"... em meio às volutas expressivas do Canto Gregoriano, todos, "cor unum et anima una" em volta do Altar!

Felicitações a Mère Rose que em boa hora criou êste movimento prodigioso de Semanas Gregorianas de que estávamos tão precisados!

Que o Senhor galardoe os Diretores, Mestres e nossas anfitriãs, as Irmãs Assuncionistas, pelas lições, gentilezas e edificação.

Pe. José M. de A. Penalva, CMF.
Curitiba, 27 de fevereiro de 1962.

AVISO PARA OS ALUNOS DO CURSO DE CORRESPONDÊNCIA

Os que devem prestar **Exames** por ocasião da Semana Gregoriana de Julho de 1962 no Rio de Janeiro, devem: 1.º requerer com urgência o exame do curso feito. 2.º estar no Rio no dia 13 de Julho a fim de combinar pelo telefone **26-1822** lugar e hora do referido exame.

Crônicas Radiofônicas

PORTINARI AO ENCONTRO DA LUZ

Diz-se freqüentemente que o fim do século XIX ou o início do século XX marcou para a história da humanidade o advento terrível de um *mundo ateu*. Cita-se a frase profética de Nietzsche relativamente a seu tempo e em vista do tempo futuro: "Há atualmente talvez dez a vinte milhões de homens entre os diferentes povos da Europa, que não creem mais em Deus, — afirmava Nietzsche, e pergunta: seria pedir demais o desejar que êsses homens se conheçam e se compreendam?"

Essa compreensão e essa união se vem operando há bastante tempo. Nota-se então o irromper de um ateismo positivo, de uma verdadeira religião do sem-Deus, de uma paradoxal religião às avessas, do culto positivo da negação de uma realidade que se afirma não existir. É êsse culto e louvor à negação do que se crê não existir, essa fé quase violenta na negação de Deus que passa a congregar os homens esclarecidos do século XX nas sinagogas, nas células que pretendem renovar a face da terra baseadas na positiva negação de um Ser infinito em Bondade, Verdade, Beleza; Religião do não Ser cuja catequese distila o ódio destruidor em relação àqueles que crêem em um Deus ornado de tais infinitos atributos.

Sabemos que muitos dos dez ou vinte milhões que não crêem mais em Deus, como dizia Nietzsche dos homens de seu tempo, muitos dêles permaneceram à margem de qualquer profissão religiosa anti-teista, por lhes custar demasiado o interêsse por qualquer coisa que não fôsse êles mesmos.

São os hedonistas, os indiferentes, os individualistas ateus, os sibaritas que dão ainda forte colorido às sociedades ocidentais. Outros, sem cair no ridículo da truculenta religião sem-Deus, da inconsistente liturgia diante do altar da deusa "negação de Deus", se deixaram levar por motivos idealistas, voltaram as costas a Deus porque viram

diante de si a miséria humana, sentiram a compaixão pelo irmão faminto, pobre e nú. Diante dessa realidade mais premente, aparentemente esquecida por Deus, vingaram-se de Deus, negando tudo aquilo que possa representar Deus na terra, esquecendo-se afinal de Deus, procurando exilá-lo da existência por seu exílio e exclusão do número dos seres com que se pode contar, dos seres cogitáveis na construção de um mundo mais justo.

Foi êsse o comunismo idealista, sonhador, nobre e inconsistente de tantos homens superiores: dos intelectuais, dos poetas, dos magistrados e professôres, dos pintores e arquitetos, dos musicistas ... quase diria de alguns sacerdotes.

Terá sido êste o comunismo que se atribuiu a si mesmo, em certa época de sua vida, essa figura aureolada, o Dante de nossa pintura mixto de dramaticidade e infantil despreocupação, Cândido Portinari que há pouco nos deixou.

Teria êle renegado o nome de comunista, para evitar a confusão com o comunismo, dono atual dêsse nome, tão visceralmente diverso de tudo aquilo com que sonhava um ingênuo anseio de bondade, esquecida de Deus, sua Fonte? Teria renegado não a motivação e o ideal de seu sonho, mas sua profissão de fé política e social por perceber a que terrível paroxismo de ódio, de destruição, de grosseria ditatorial, de bossal arrazamento do humano, da inteligência, da liberdade, de tudo que é dignidade, poderia levar o inocente devaneio, a reconfortante utopia de artista em disponibilidade? Êsse comunismo ateu de poetas e pintores não terá sido nunca um verdadeiro ateismo. Terá sido, em seu aspecto dramático, uma vingança contra Deus, uma tentativa da humana soberba de decretar que Deus não existe ou que Deus não interessa, que Deus tanto faz; em seu aspecto lúdico e poético terá sido uma espécie de esconder-se de Deus, de esquecê-lo para ver o que acontece.

São essas as suposições a que somos levados a respeito de Portinari, ao lermos as declarações de seus íntimos, de que há muito não se dizia mais comunistas, o que lhe valera até certas restrições por parte da "gang", ou quando lemos algumas das reminiscências do poeta Schmidt a respeito do companheiro de juventude, "Portinari falava-nos, não só dos grandes mestres de sua arte, mas nos dizia coisas de Deus. Julgava-se um grande conhecedor da Bíblia" diz Schmidt, o que aliás transparece em tantas de suas figuras verdadeiramente bíblicas.

"Revejo agora o môço Portinari e depois num vôo do tempo, o reencontro — é Schmidt quem fala — já consagrado, quando visi-

tamos Chartres e eu o vi, embora se dissesse nesse momento comunista, emocionado diante do recolhimento da admirável catedral que Péguy tanto amou. — "Sou, apesar de tudo, um homem que tem saudade de Deus", me disse êle, confessando-se sem crença. Mas era e permaneceu um homem de Deus."

O testemunho de Schmidt junto ao próprio testemunho do que nos deixou imperecìvelmente Portinari fundamenta-nos a convicção que Deus soube como tocar, com sua graça, êsse artista, êsse homem, da maneira incomum com a qual atinge aqueles que pertencem invìsìvelmente a êsse grande Corpo Místico que visìvelmente desconhecem ou não identificam como sendo a grande casa, a grande mesa de família, como a grande ceia do Cristo à qual deveriam estar presentes, no lugar que lhes está reservado.

O purgatório da Capela do Mayrink, as duas magníficas figuras de S. João da Cruz e de S. Simão Stock, o S. Francisco da Pampulha e tantas outras são testemunhas que falam de Deus na obra de Portinari. A Virgem do Carmo que domina a floração paradisiaca da floresta da Tijuca, a luminosidade do olhar da Virgem do Carmo será uma imagem e uma expressão da Graça que Deus dispensava ao pintor, para que nessa luminosidade êle visse a Luz que fingira esquecer e da qual tinha saudades em Chartres, quando a via translúcida, em sombria riqueza de colorido, através da beleza incomparável dos vitrais. Era nessa luz que emanava da Graça do olhar de Beatriz — também ela Portinari — que Dante procurava encontrar o reflexo da Luz Divina.

Aquela vela acesa que uma irmã de caridade colocou às mãos já desfalecidas do pintor terá conduzido, num último momento decisivo, seu olhar para a Luz infinita que não conhece trevas.

O apóstolo S. Paulo no trecho da Epístola aos Corintios que é lida no Domindo de amanhã (Quinquagésima), termina seu hino da Caridade dizendo que "aqui embaixo vemos mal as coisas de Deus, vemos apenas um reflexo misterioso, como em um espêlho obscuro. Mais tarde, veremos face a face. Aqui, meu conhecimento é fragmentário, mas lá, conhecerei a Deus como Êle me conhece. Aqui ficam a fé, a esperança, a caridade, lá apenas a Caridade que é a maior das três. É essa caridade que faz com que Jesus abra os olhos do cego, mendigo do caminho de Jericó, como nos narra o Evangelho que é lido também no Domingo de amanhã. Mas a Caridade de Cristo quando restitui a vista ao cego quer apenas exprimir e significar que Êle veio trazer a luz eterna da visão de Deus para todos os homens de boa vontade. Por isso, em favor de todos que fecham os olhos para a luz desta vida rezamos

com a Liturgia: Dai-lhes, Senhor, um descanso eterno, e que a Luz eterna os ilumine.

(Transmitido a 3-3-1962

COMO ENCARAR O COMUNISMO

Há tempos, falavamos do comunismo idealista de artistas, intelectuais e sonhadores, que se fazem ateus, como que para se vingarem de Deus, por causa das misérias, das injustiças, do abandono que cercam e aniquilam, que vilipendiam uma parte considerável da humanidade. De fato, não são ateus, nem verdadeiramente materialistas — haverá quem o possa ser totalmente? — e no momento das grandes opções, no momento em se põe o ouro no cadinho, mostram que não o são.

Sobretudo quando vêem e sentem a chaga mortal que produz a alienação da liberdade, quando verificam que as azas que possibilitam os mais sublimes vôos — como também as mais desastrosas aterrisagens nos campos do infra humano — serão definitivamente cortadas, acordam de seu sonho utópico onde parecia não haver necessidade de Deus. Verificam que a miséria, que a fome, que a nudês, a sub-nutrição e o sub-desenvolvimento ainda são males benignos diante da espoliação do sôpro de dignidade humana que é a chama viva de cada coração, de cada espírito; chama que deve ser apagada, tesouro escondido de liberdade que deve ser arrebatado e alienado à porta da penitenciária do ditador vermelho ou de qualquer côr, à porta da bem organizada e próspera coudelaria do poder estatal, soberano das almas e das consciências. Uma palavra bem inspirada fêz-se ouvir ùltimamente, em meio à babel de opiniões que enchem nossa imprensa; a palavra de D. Vicente Scherer, arcebispo de Pôrto Alegre, sôbre o problema do fenômeno econômico e do comunismo.

Diz Sua Excelência:

Vivemos numa fase de opções definitivas e irreversíveis. Ou nos decidimos a realizar, de verdade, uma ordem social alicerçada sôbre a justiça para todos e o amor entre todos, ou as trevas da escravidão comunista envolverão a terra, como na hora da paixão de Cristo.

Depois de algumas considerações, prossegue S. Excia. D. Scherer.

Não nos empenhamos, todavia, pela elevação do nível de vida das populações da cidade e do campo por causa das ameaças do comunismo. Se êste não existisse, deveríamos procerer de igual forma pelos mesmos motivos de solidariedade humana, dos imperativos do direito natural e das exigências da fé e do amor que professamos.

Em nosso programa social, o comunismo não passa de acidente; com êle ou sem êle, sentimos o acicate do dever de consciência que nos impele.

Tenho profunda convicção de que erradamente e sem fundamento por vêzes se afirma que a causa do comunismo reside nas desigualdades sociais e que, superadas a fome, a miséria, e a pobreza, desapareceria a sedução que esta doutrina revolucionária sôbre muitos exerce. A observação dos fatos demonstra iniludìvelmente o contrário. Em todo lugar e sempre, também entre nós, os sólidos bastiões do comunismo não se levantam entre as choças dos pobres e nas vilas operárias e camponesas, mas encontram-se nos ambientes mais ou menos confortáveis de diplomados, funcionários, professôres, estudantes e militares.

A ambição de intelectuais ou a sua defeituosa apreciação dos fatos econômicos, favorece mais o comunismo que o sofrimento das multidões subnutridas. Seria perigosa ilusão supôr que o aumento do padrão de vida das massas basta para conjurar a ameaça comunista. Nenhuma reforma executada, nenhuma reivindicação satisfeita, nenhuma situação resolvida faz parar a propaganda e proselitismo comunista.

Acresce que em parte alguma, por maiores que sejam o empenho dos governos e a colaboração das classes superiores, não se conseguirá eliminar as injustiças sociais clamorosas no período de alguns lustros. Mas, quanto ao inimigo de morte das liberdades democráticas e políticas, em caso de inadvertência e despreacupação, se poderia dar a repetição do episódio da história dos antigos romanos, que, ao perceberem os exércitos cartagineses, vindos da África, pelos Alpes, exclamaram surpreendidos e aterrados: "Annibal ante portas!" — Aníbal está diante das muralhas e das portas de Roma"!

De mais a mais, as mesmas campanhas de aliciamento e de ocupação de postos chaves faz o comunismo também nos países muito mais desenvolvidos e prósperos que a própria Rússia, como a Alemanha, a França, os Estados Unidos. Deve ser decidida e persistente nossa luta pela superação da miséria e da fome, mas se não quisermos ser arrastados pela torrente impetuosa do comunismo, deveremos anular a influência de sua progressiva e planificada articulação de fôrças. A propaganda extremista deixou, há muito, de ser um debate acadêmico ou uma platônica difusão da doutrina de Marx e Lenine. Seus agentes não perdem tempo em persuadir os ouvintes ou leitores das teses do plus-valor do trabalho, do materialismo dialético ou histórico, das superadas teorias econômicas dos criadores do sistema. Tratam simplesmente de conquistar o poder nos países de regime democrático.

São essas as palavras esclarecidas e esclarecedoras de D. Scherer. Concluimos: É urgentíssimo enfrentar os problemas da justiça social; é imprescindível ir ao encontro e neutralizar a opressão da fôrça do dinheiro que deixa atraz de si a fome, a miséria, a doença, a revolta.

Mas é preciso que o povo oprimido pela fome, pela necessidade e pelo temor do aniquilamento não se deixe enganar; seja esclarecido que o veneno destilado pelo falso médico leva mais depressa à morte que a própria infecção, que o próprio cancro com o qual o abutre se alimenta, engorda e cresce. Quando os homens loucamente acham que para construir a cidade dos homens precisam eliminar a presença, a marca, o Espírito de Deus do meio dos homens, saibam ou não, queiram ou não, estão eliminando o próprio espírito humano, o próprio coração humano. Esta será a tentativa permanente do Príncipe das Trevas: a de arrebatar das mãos de Deus a humanidade que foi criada por Deus, que livremente se separou de Deus para se submeter ao inimigo de Deus, que foi resgatada dêste crime pelo Filho de Deus, contra o qual o Príncipe derrotado, procura, no último desespêro, com todos os recursos, destruir, as derradeiras riquezas, uma parte da humanidade redimida, que lhe escapa das garras, mas que êle acha que ainda poderá dominar.

Em uma palavra, o problema do comunismo é muito mais um problema teológico, que um problema social, econômico, político ou o que mais possa ser, razão porque, só uma autêntica antropologia, iluminada pelas luzes da Sabedoria natural e principalmente sobrenatural pode conhecê-lo, compreendê-lo em todos os seus segrêdos e também desmascará-lo e debelá-lo em sua virulência e em sua malícia não humana, mas diabólica.

— A Liturgia celebra amanhã o 2.º Domingo da Quaresma,O Introito "Reminiscere" é suplicante em seu recolhimento humilde, mas confiante e seguro.

"Lembrai-vos de vossas comiserações, Senhor, lembrai-vos de vossa misericórdia que existem desde sempre" Eis a primeira frase, a primeira das duas grandes idéias dêste trecho litúrgico. Vem, então a segunda idéia: "Que jamais dominem sôbre nós nossos inimigos, libertai-nos, ó Deus de Israel, de tôdas as nossas angústias."

Na primeira frase, portanto, mais íntima, quase como uma súplica interior em que humildemente se pede a Deus que Êle se lembre, que Êle continue a se lembrar, em nosso favor, das comiserações, da misericórdia, do perdão que Êle exerceu amplamente para os maiores, para com os pais do povo de Israel. Pedimos, pois para nós a comiseração e o perdão, isso senão porque nos reconhecemos culpados, por-

que sabemos de nossas falhas, de nossas traições, de nossas omissões. Sentimo-nos também responsáveis por tudo aquilo que recai sôbre a humanidade. Somos, contudo, um tesouro de Deus, somos a obra de suas mãos, obra que êle não desprezará, pedimos pois que nossos inimigos, que são os inimigos de Deus, pois d'Êle nos querem arrebatar e afastar, sejam derrotados e destruidos. Nossos inimigos não são os homens, nem pedimos que êstes sejam destruidos. Nossos inimigos são os espíritos da maldade e da corrupção que se servem dos homens, espíritos aos quais os homens: os imaturos, os soberbos, os corrompidos, os medíocres dão cobertura, valendo-se de sua qualidade de seres que Deus quis resgatar, que Deus conserva e alimenta, pois quer tê-los para Si.

A primeira parte é pois um canto humilde, com uma ternura tôda voltada para Deus, triste em suas cadências, mas confiante no perdão.

A segunda parte, dentro da mesma sobriedade de linha, é mais ousada e um sôpro mais vivo a anima, conduzindo a um final tranquilo, ainda que com o travo de abandono infundido pela palavra "angustiis".

Transmitido a 17-3-62

O EVANGELHO DA TRANSFIGURAÇÃO

É ainda nêste 2.º Domingo da Quaresma que encontramos um dos mais belos textos evangélicos.

O Evangelho da Transfiguração aparece em plena quaresma como uma promessa de triunfo em meio à luta com o espírito das trevas, como um anúncio de Páscoa em meio ao luto penitencial dos tempos de preparação e ascese. O primeiro anúncio que Jesus faz a seus discípulos, de seu próprio sofrimento, de sua condenação, paixão e morte, mas também de sua Ressurreição é logo após à resposta inspirada de S. Pedro que declara ser Êle o Filho de Deus vivo. Êste Filho de Deus vai entretanto passar pelos mais abomináveis opróbrios, vai passar pela condenação, pela Cruz e pela morte. Os discípulos recebem com perplexidade e horror tais presságios, nos quais gostariam de não acreditar. Vem em seguida a Transfiguração que, com o Batismo no início da vida de Jeus, e a Ressurreição, no fim da mesma constituem as três grandes intervenções transcendentes, isto é, do vigor do poder divino para a Revelação da verdadeira dimensão do Filho. Diz-nos a narrativa evangélica que Jesus tomou três de seus discípulos, Pedro, Tiago e João e os conduziu a uma alta montanha. A narrativa faz lembrar a subida ao Sinai, a subida com testemunhas e depois a descida, a volta ao convívio com a gente incrédula e pervertida a quem Jesus

não quer que chegue imediatamente a notícia daquele milagre, daquela Revelação aos homens do que Êle essencialmente é: Deus entre os homens: "Nada dizei a ninguém da visão, enquanto o Filho do homem não tiver ressuscitado dentre os mortos." — Tendo subido a montanha, lá em cima, Jesus se transfigurou diante dêles: sua face tornou-se resplandecente como o sol, suas vestes brilhantes como a neve. E eis que lhes aparecem Moisés e Elias que se entretinham com Jesus. São aqui as figuras mais representativas da longa preparação messiânica suscitada por Deus mesmo junto ao povo eleito: a Lei e a Profecia. Moisés e Elias que se fazem presentes diante d'Aquele que é a plenitude da Lei e da Profecia para dar seu pleno testemunho diante dos homens. O fato essencial é que Jesus se transformou diante dêles, junto com aquêles dois representantes de tôda a mensagem messiânica do Antigo Testamento. Êsse transformar-se é simplesmente o revelar-se, o mostrar-se num pouco do que Êle realmente é e que estava e permanecerá escondido diante dos homens, principalmente dos que não o recebem. Não é Jesus que muda ou se transforma, é o véu que se levanta por um momento e que antes mesmo da voz divina se fazer ouvir, revela "quem é" o Filho do Homem. Só esta transformação seria suficiente para responder ao escândalo dos discípulos: um tal Ser está, de fato, acima do poder da morte, é desde já o Filho do Homem glorioso. É nêsse momento, no meio da narração, que se coloca uma intervenção de Pedro, curiosa em seu ingênuo e espontâneo realismo: "... disse a Jesus: Mestre, é bom estarmos aqui, façamos três tendas: uma para vós, uma para Moisés, uma para Elias." S. Marcos em sua narrativa acrescenta para desculpar a sugestão de Pedro, o que não consta em S. Mateus: "É que êle não sabia o que dizer, pois êles estavam tomados de temor." "Êle — Pedro — falava ainda quando uma nuvem luminosa os envolveu e do meio da nuvem uma voz se fêz ouvir: Êste é omeu Filho bem amado, em quem ponho minha complacência, ouvi-O!"

A Nuvem que marcou a presença divina no Sinai e repousou sôbre o tabernáculo. Ela que reapareceu por ocasião da dedicação do primeiro templo, o de Salomão, como que marcando e significando a presença de Deus misteriosa entre as construções humanas, ela agora traz a voz do Pai revelando o Filho. O véu foi levantado por um momento apenas revelando a plenitude do segrêdo da pessoa de Jesus e mostrando aos discípulos que o plano no qual êles vêem o mestre todos os dias não é definitivo, nem de longe o único verdadeiro. Só lhes restará de agora em diante não mais renegar nas trevas o que entreviram no fulgor de um relâmpago, segundo a frase de Keats. Mas como Jesus o dirá mais tarde como advertência a êsses mesmos discípulos: "o espírito é forte mas a carne é fraca." Pedro que se mostrou tão presente no momento

incomparável da transfiguração, o experimentará tristemente no meio das trevas.

Três pequenas antífonas narram momentos do quadro que emoldura a transfiguração:

Jesus subindo à montanha com os discípulos.

A intervenção de S. Pedro.

O pedido de Jesus que não contem o que viram.

(Transmitido a 17-3-62)

SANTA SÉ E CUBA

A semana que hoje termina reuniu as festas litúrgicas de dois Petriarcas e de dois Protetores: S. José a 19 de março e S. Bento a 21.

De S. José deve-se dizer que goza da especial predileção do atual Papa, o ancião guarda da Igreja, João XXIII. Foi a S. José que êle confiou a proteção do próximo Concílio Ecumênico que reunirá junto a S. Pedro no Vaticano cêrca de 3.000 dos mais categorizados hierarcas espalhados por todo o mundo. O Concílio teve afinal sua data marcada para o dia 11 de Outubro do presente ano. Foi ainda a S. José que recorreu o Papa Roncalli quando, há dezenas de anos atrás, foi nomeado para um cargo diplomático e julgou-se obrigado a dar diante do venerando Cardeal Gasparri, então Secretário de Estado, uma definição de diplomacia ou do modo de agir dos diplomatas. "Os diplomatas dizia, referindo-se à diplomacia pontifícia que é a mais antiga do mundo, o então delegado apostólico Roncalli, bem humorado e espirituoso como o atual Papa — os diplomatas são como S. José: Devem, como êle, apresentar Nosso Senhor, mas também escondê-lo algumas vêzes para preparar-lhe uma melhor acolhida. Também êles devem calar, medir as palavras, tragar as piores coisas com doçura..."

Talvez essa definição explique porque o Sumo Pontífice tenha recentemente recebido credenciais de um embaixador de Cuba enviado pelo govêrno do infeliz e infelicitante Castro. É uma norma invariável da diplomacia do Vaticano: nunca a Santa Sé é a primeira a romper com nenhum país. Assim, nunca foi ela quem primeiro rompeu com os governos comunistas da Polônia, da Tchecoslováquia e da Iugoslávia. Diga-se de passagem, que esta norma tão compreensível num govêrno como o da Santa Sé que dificilmente pode esconder sua caracteristica maternal, e de relações de ordem superior com os povos da terra, não se deverá aplicar indistintamente,

como regra de ouro, a qualquer outro govêrno de Estado. Mas o fato é que João XXIII recebeu amàvelmente o nôvo embaixador de Cuba, que aliás fêz questão de dar demonstrações de ser pessoalmente bom católico. Saudou o Papa o nôvo embaixador mas não fêz referências às personalidades — se assim merecem ser designadas — que chefiam o govêrno de Cuba, o que deve ter sido um real alívio para o nôvo embaixador. Não há possibilidade de dúvida na atitude da Santa Sé. O que seja o govêrno de Cuba todo mundo já o sabe; só fingem não sabê-lo os que por obrigação profissional tinham o dever de não ignorá-lo. Que a posição do infeliz caudilho perante Deus e a Igreja seja a de um "excomungado" e a de um criminoso impenitente não há quem o duvide, pois como tal quis êle se apresentar e espontâneamente escolheu tal posição; como é de excomungado e de criminoso o seu conceito perante a cultura e o govêrno dos povos livres que ainda se julgam com o direito de pensar e de exprimir livremente o que pensam. Se Castro persegue a Igreja em seus bispos — como no caso do Arcebispo Betancourt, octogenário que se encontra asilado ou daquele outro que lhe salvou a vida no atentado fracassado de 1953 — se a persegue em seus sacerdotes, religiosos e religiosas e em tôdas as pessoas que tenham a coragem de levantar a voz em prol da liberdade e da dignidade humanas, não é pelo fato de enviar um embaixador ao Vaticano que alguém se enganará ou terá o direito de iludir-se sôbre suas intenções. sôbre sua deformada fisionomia moral, bem como a dos que o acompanham no govêrno de usurpação e de opressão. Se a Santa Sé aceita tal embaixador, é porque prefere não tomar a iniciativa de regeitar alguém que afinal representa um povo nobre que se arrasta por um momento nas rudes estradas da escravidão e da abjeção. Mas a velha diplomacia sabe que os povos e seus grandes ideais ressurgem e ficam, os ditadores e dementes opressores acabam afinal sendo conduzidos, mais cedo ou mais tarde, ao lugar que lhes convém.

Anunciação

Falávamos entretanto de S. José e de S. Bento que tiveram suas festas nesta Quaresma, também a tem a Santa Virgem cuja Anunciação caindo no domingo de amanhã — como os Domingos da Quaresma não podem deixar de ser celebrados — será festejada 2.ª feira dia 26. A Anunciação é uma das quatro mais antigas festas dedicadas pela Liturgia à Virgem Maria. Eis as quatro Nossas Senhoras da Idade Média segundo as estações européias: Nossa Senhora do verão: 15 de agôsto; Assunção; Nossa Senhora do outono: 8 de setembro: Natividade; Nossa Senhora do inverno: 2 de fevereiro: Purificação e Nossa Senhora da Primavera: a Anunciação de 25 de março.

É então que Maria recebe a visita do anjo que anuncia a vontade de Deus para com ela. A encarnação se realiza. De então em diante Deus e homem estavam para sempre unidos no Cristo, a nova Aliança se estabelece, a redenção do mundo pecador está assegurada. Através de Maria êste mistério tem seu pleno cumprimento. A veneração que ela desperta tem sua última razão teológica no fato de ser ela a mãe de Deus, a mãe do Filho de Deus feito homem.

Esta festa da Anunciação é orientada para a encarnação do Verbo, seus temas são pois emprestados ao Advento. Assim êsse belo Introito "Vultum tuum" cujo texto contém o lirismo de um canto de amor como o é de fato o Salmo 44: "Os mais dotados, os mais ricos da terra, imploram a visão de tua face. Um cortejo de virgens — como nas grandes núpcias, te acompanham até diante do Rei. São tuas irmãs e amigas; com elas entrarás na alegria e nos cantos."

São também de grande singeleza as antífonas de Vésperas e de Laudes desta festa que cantam a vinda do anjo, suas palavras e a resposta de Maria.

A antífona "Missus est" diz-nos que o anjo foi enviado a Maria. A seguinte contem a própria saudação angélica Ave Maria. Seguem-se as Antífonas: Gabriel Angelus locutus est Mariae: repete-se a saudação angélica com outro contexto melódico.

Em seguida "Ne timeas", "Não temas Maria", que são palavras do anjo e "Dabit ei": "O Senhor dará a êle o trono de Davi seu Pai e reinará para sempre" — A última contém a palavra de Maria: "Ecce ancila Domini" — "Eis a serva do Senhor, que se faça em mim segundo a sua vontade".

Transmitido a 24-3-62

"LAETARE"

No percorrer das comemorações litúrgicas já transpusemos a metade da Quaresma e atingimos o seu quarto domingo, chamado domingo "Laetare". É como que uma pausa, um retemperar-se no espírito da alegria e da vitória de Páscoa conquistada definitivamente, uma vez por tôdas, por Jesus, antes de entrarmos na comemoração do tempo da Paixão que se abre com o próximo domingo. O "Laetare" nos anuncia que Páscoa se aproxima. A maneira plástica e simbólica que os textos dêsse domingo usam para nos anunciar êsse renascer jubiloso de Páscoa é a imagem da reunião festiva dos filhos, na casa paterna, a reunião na Jerusalem da eternidade daqueles que, pelo batismo, mergulharam na morte do Cristo para com Êle renascer em sua Res-

surreição. O salmo 121, "Laetatus sum" um dos salmos chamados graduais, que os piedosos peregrinantes judeus cantavam quando, ao subir a montanha, se aproximavam da cidade santa, da casa do Senhor, empresta a vivacidade e o sentimento de seus versos transbordantes da misteriosa saudade do paraiso para serem cantados em alguns dos trechos da missa "Laetare". O Intróito é de um trecho de Isaias com o salmo citado: "Alegra-te Jerusalem. Todos que te amam vêm reunir-se em ti. Rejubilem-se de alegria os que viviam na tristeza, exultai, pois Deus vos saciará com suas consolações como a mãe que alimenta seu filho". O primeiro verso do salmo "Laetatus" entra como salmo do Introito

"Qual não foi minha alegria quando me foi dito: vamos para casa do Senhor."

O Gradual desta missa retoma o mesmo primeiro verso do salmo 121, "Laetatus sum": "Qual não foi minha alegria quando me foi dito: Vamos para a casa do Senhor." Acrescenta-se no verso, com júbilo, recolhimento e segurança as palavras do mesmo salmo: *Fiat pax*, fazendo referência à Jerusalem celeste que é a visão da Paz. "Que a paz reine nos teus recintos e a abundância nos teus celeiros." Não será, por ventura isso, o que tôda a humanidade deseja, o que todos os homens aspiram? o porque de suas angústias e de suas lutas sem fim?

É naquele convite: naquele; vamos para a casa do Senhor, que está a solução. Comemoramos a paixão, morte e ressurreição de Jesus justamente porque Êle veio concretizar êsse convite para irmos para a casa do Senhor. Os homens continuam a querer encontrar a casa do Senhor nesta terra, quando a Casa está construida no alto, na eternidade, por aquele que ressurgiu dos mortos.

É nesta mesma visão sobrenatural e eterna da nova Jerusalem, restaurada pelo Cristo que tem sentido o verso da Comunhão: "Jerusalem quae aedificatur ut civitas." "Jerusalem, estás construída como uma cidade onde tudo se encerra e se unifica. É para lá que sobe o povo, o povo de Deus, para manifestar a vossa glória, Senhor." É êste ainda um verso do salmo 121 que transposto para a visão cristã da vida e do mundo, exprime o caminhar do povo de Deus, através do deserto dêste mundo, alimentado pelo Corpo do Cristo, dirigindo-se para a cidade perfeita, a Jerusalem eterna.

Transmitido a 31-3-62

DOMINGO DA PAIXÃO

Com o Domingo de amanhã a liturgia se lança no tempo da Paixão. As imagens dos altares se cobrem de rôxo como um sinal de penitência, os ritos aos poucos se transformam num sentido de luto ou de uma abstenção de expansão. O salmo de entrada da missa do Domingo da Paixão é o salmo "Iudica" agora assumido como canto do próprio Cristo, como queixa dolorosa e suplicante de quem assumiu um corpo humano para poder dizer diante do Pai: eis-me aqui, eu venho para obedecer, para reconciliar tôda a humanidade desagregada e cega em conseqüência da desobediência do primeiro Pai.

"Sêde meu Juiz, Senhor, e defendei minha causa contra os ímpios. Arrancai-me da falsidade e da violência do inimigo pois sois meu Deus e minha fôrça." Êste canto tão fácil de ser compreendido na bôca do judeu piedoso, que cercado pela iniquidade, recorre à proteção de seu Deus, no temor e na esperança, difìcilmente poderia ser compreendido na bôca do Cristo senão tendo-se em vista a profunda e real humildade de sua descida à condição verdadeiramente humana. É isso que custamos a crer, com tôda a rudeza, com tôda a audácia que uma tal crença vem exigir de nós. Se a transcendência de um Deus nos é difícil de ser concebida e admitida, muito mais ainda será compreender que esta transcendência de verdade assuma a forma humana e enfrente na miséria da condição de um homem, também de verdade, tudo que essa última condição possa vir a exigir de humildade, de abaixamento, de nivelamento com os outros homens. São todos os fiéis que, no domingo de amanhã, cantam, com um mesmo sentimento de identificação com o Cristo obediente, submisso e padecente, esse canto do Salmista: "Iudica me Deus."

O canto do Intróito salienta a expressividade da música, principalmente quando fala do "ab homine iniquo et dolosò" que é o inimigo do genêro humano com quem o Cristo sustentará sua luta de morte e de vitória.

Um dos hinos mais belos dêste tempo da paixão é o de composição de Venâncio Fortunato, destinado à recepção das reliquias da Cruz. "Vexilla regis prodeunt".

Avançam os estandartes do Rei, refulge o mistério da Cruz, por ela a vida sofreu a morte e a morte nos trouxe a vida." Canto triunfal cheio de vigor com ritmos largos, traz à idéia o avançar solene de uma procissão em marcha.

"O Crux Ave spes unica."

Salve, ó Cruz, esperança única, aumentai a graça dos bons, destrui os crimes dos réus.

Transmitido a 7-4-62

XX.ª SEMANA DE ESTUDOS GREGORIANOS

Dirigida pelo

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Cursos de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano

Data: 16 a 26 de Julho de 1962

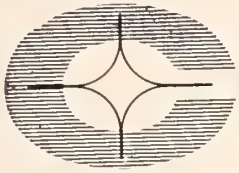
Local: Colégio Angelorum, Rua da Glória

RIO DE JANEIRO

Abertura: Domingo 15 de Julho às 16 horas

Informações e Inscrições: Instituto Pio X, Rua Real Grandeza, 108, Botafogo. Tel. 26-1822

Só Climax facilita o seu confôrto!



CLIMAX
VITORIA - 9,5 pés

Super Luxo

Cr$ 56.990,

(PÔSTO S. PAULO)

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País.
- O maior congelador existente, onde cabe um leitão ou um peru, inteiros (32.200 cm³)!
- Ampla gaveta plástica ("Quick Freezer") para o rápido congelamento de carnes e peixes.
- Possante e silencioso compressor P 91, econômico e de alta rendimento, fabricada sob licença da Tecumseh Products Co. (U.S.A.).

ISNARD & CIA. S.A. — Com. e Ind.

Av. São João, 1.400 - São Paulo

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9197

FOR LIBRARY USE ONLY